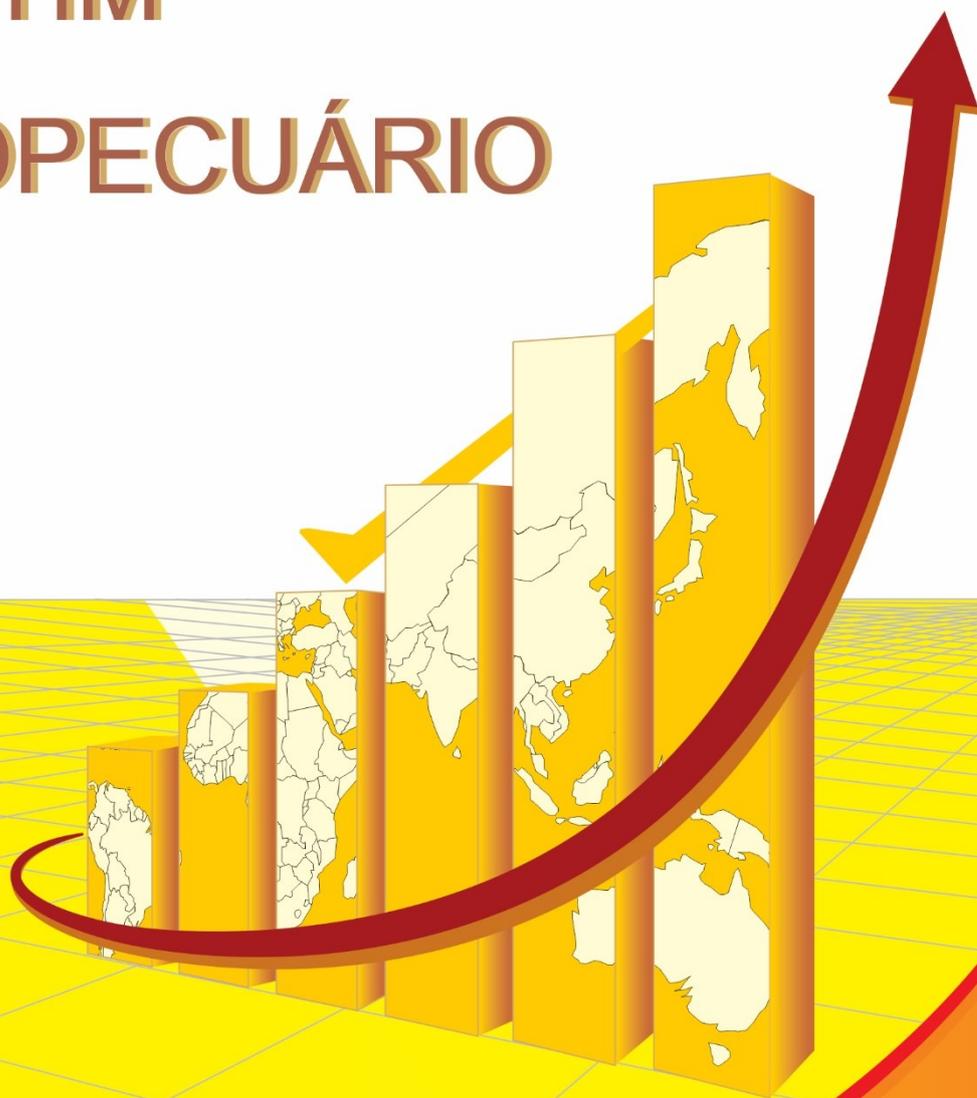


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesca

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Rene Dorow



DOCUMENTOS Nº 298

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2019

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: outubro de 2019 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Outubro/2019. Florianópolis, 2019, 50p. (Epagri. Documentos, 298).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	10
Milho.....	14
Soja	17
Trigo.....	21
Hortaliças	24
Alho.....	24
Cebola.....	28
Pecuária	32
Avicultura.....	32
Bovinocultura	37
Suinocultura.....	42
Leite	48

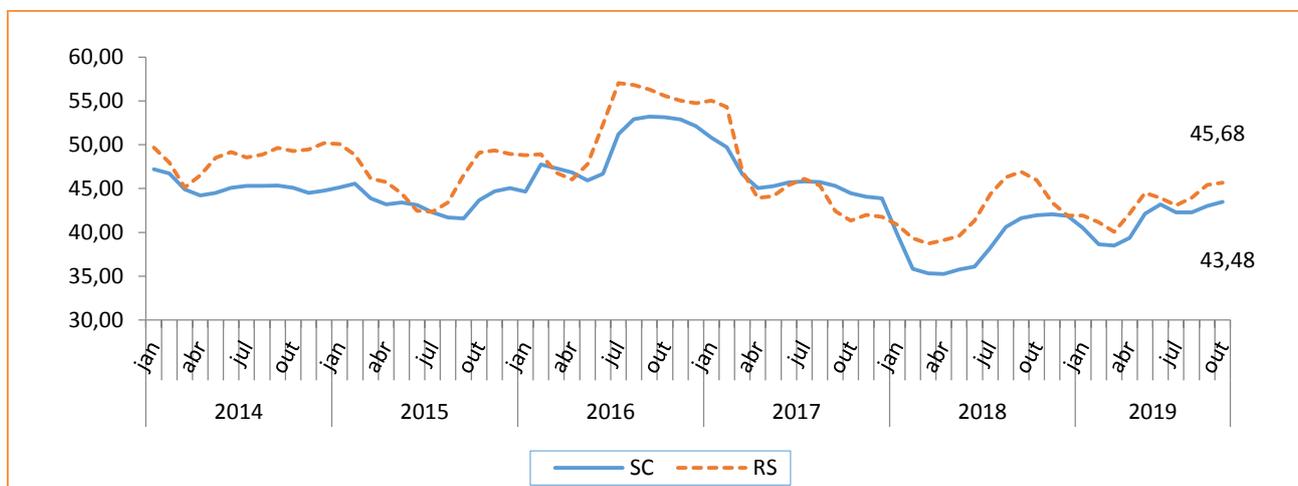
Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

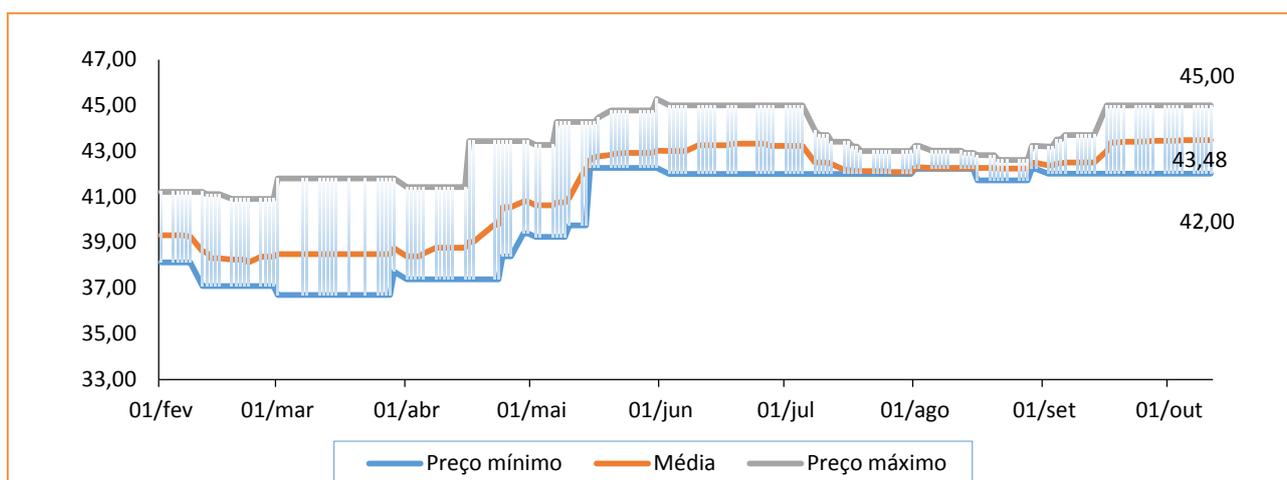
O preço do arroz em casca ao produtor apresentou comportamento normal para o período do ano. Nesta época, com comercialização em fase final e início do período de entressafra, tendem a elevar os preços. Em setembro de 2019, os preços do arroz em casca em Santa Catarina fecharam a R\$ 43,02, cerca de 1,7% acima do observado no mês anterior. Na primeira semana de outubro, a tendência de elevação se confirmou, com preços 1,06% maiores em relação ao preço médio de setembro (Figura 1). Comparativamente ao mesmo período de 2018, os preços catarinenses apresentam uma valorização de 3,38% em termos reais. Já no Rio Grande do Sul, os preços parciais da primeira semana de outubro foram de R\$ 45,68. Este preço está 0,62% maior que a média do mês de setembro para aquele estado. No caso gaúcho, além do mercado interno a indústria ainda tem a necessidade em atender contratos de exportações, o que eleva os preços neste período pela redução da oferta interna. Além das causas citadas acima para esta valorização dos preços, destaca-se que a safra 2018/19 resultou em produção menor do que a observada na safra 2017/18, em razão de problemas climáticos enfrentados pelos dois estados, o que elevou o patamar de preços desde o início da safra, comparativamente ao ano anterior.



Fonte: Epagri/Cepa e Cepea (RS).

Figura 1. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (Jan./2014 a out./2019) – R\$/sc 50kg

Na figura 2, onde são apresentados os preços mínimo, médio e máximo diário para Santa Catarina, observa-se que os produtores que ainda possuem estoque de seus produtos podem obter preços de até R\$ 45,00 o saco de 50 kg no estado. A produção obtida na safra 2018/19 conseguirá abastecer a indústria catarinense em cerca de 76% de sua capacidade, devendo o restante vir do Rio Grande do Sul e países do Mercosul.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: evolução do preço diário real ao produtor – (jan. a out./2019) – R\$/sc 50kg

Comparativo de safra

A safra 2018/19 encerrou com uma redução de 2,51% na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina. Apesar da ocorrência de chuvas excessivas nas regiões produtoras, o que acabou atrasando a evolução da colheita, esta se encerrou no final do mês de maio. As informações finais resultaram em uma área de 143,4 mil hectares, produção de 1,104 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média no estado de 7,7 toneladas por hectare. A estimativa inicial da safra 2019/20 apontou para uma leve redução da área plantada que deverá ser de 143,04 mil hectares. A baixa produtividade obtida na safra 2018/19 em razão do excesso de calor ocorrido no período de floração, deverá ser superada na safra 2019/20, com 8.077 kg/ha, cerca de 4,9% maior.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo safra 2018/19 e safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa Inicial – Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	51.530	404.054	7.841	0,00	5,32	5,32
Blumenau	8.222	72.177	8.778	8.265	72.300	8.748	0,52	0,17	-0,35
Criciúma	20.813	148.564	7.138	20.813	164.481	7.903	0,00	10,71	10,71
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	2.000	13.877	6.939	2,56	2,11	-0,44
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.216	77.556	8.415	0,22	4,00	3,77
Ituporanga	190	1.772	9.326	190	1.615	8.500	0,00	-8,86	-8,86
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.151	153.736	8.470	-0,41	2,73	3,14
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	9.763	85.644	8.772	-0,19	2,25	2,45
Tabuleiro	120	976	8.131	120	1.020	8.500	0,00	4,54	4,54
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.410	18.045	7.488	-3,21	1,27	4,63
Tubarão	20.927	157.910	7.546	20.587	162.979	7.917	-1,62	3,21	4,91
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	143.045	1.155.307	8.077	-0,28	4,60	4,90

Fonte: Epagri/Cepa (agosto/2019).

Entretanto, o período prolongado de estiagem que está ocorrendo no estado já está afetando a evolução do plantio do grão. A Figura 4 apresenta o comparativo da evolução semanal do plantio do arroz irrigado em Santa Catarina e o mapa reflete os atrasos por microrregião em comparação com a safra anterior. Quanto mais próximo do vermelho maior é o atraso e quanto mais próximo do verde a situação é tida como normal. Observa-se que, na média do estado, o arroz segue com plantio atrasado em relação à safra anterior, tida como normal, mas em apenas 2%. As regiões mais afetadas são o Sul e Norte. Na região sul, a ausência de chuvas regulares está gerando dificuldades em função dos baixos níveis dos rios, fator determinante para o avanço do plantio nesta cultura. Na região norte, embora não haja relatos de reservatórios com volumes abaixo do normal, a baixa luminosidade está atrasando o ciclo produtivo, resultando em atrasos inclusive na aplicação de ureia. No Alto Vale do Itajaí o plantio segue ritmo normal. Na região da Grande Florianópolis, a escassez de chuva tem gerado atrasos no plantio e no manejo. A baixa luminosidade também vem gerando atrasos no desenvolvimento da cultura na região. Contudo, ainda é cedo para dizer se irá afetar a produtividade, pois, se as condições climáticas se normalizarem, a cultura rapidamente se recupera. Até o momento, não se verifica prejuízos em termos de produtividade, mas, caso a estiagem persista, esta pode reduzir até o final da safra.

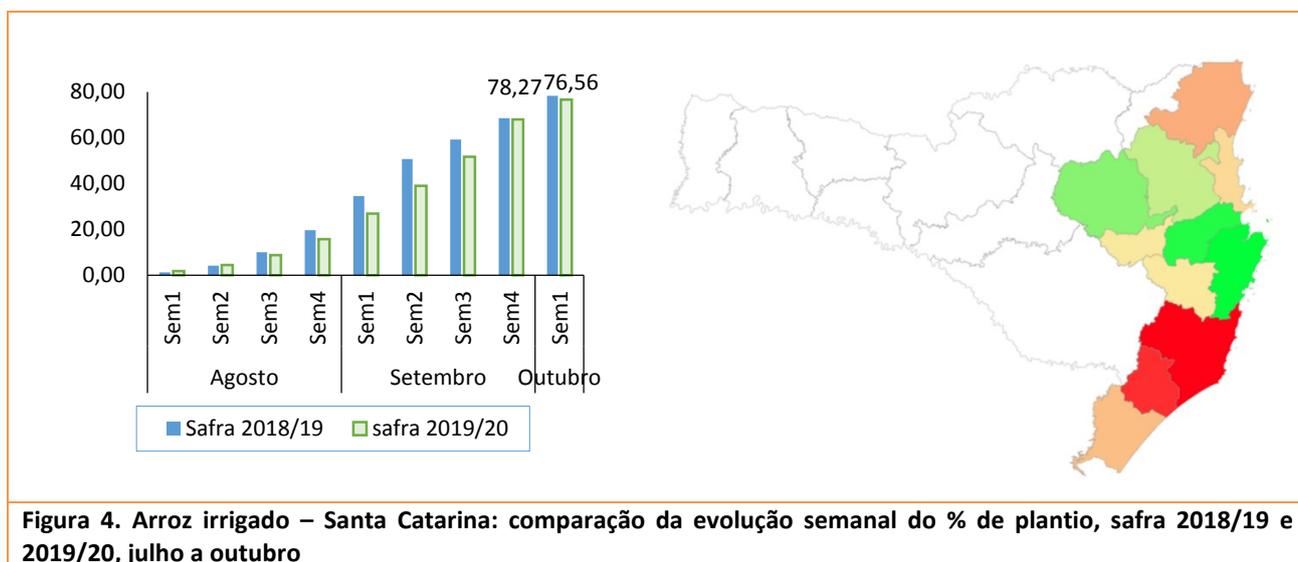


Figura 4. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparação da evolução semanal do % de plantio, safra 2018/19 e 2019/20, julho a outubro

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Neste mês de setembro, os preços do feijão-carioca voltaram a subir. Em Santa Catarina, a saca de 60 quilos foi cotada a R\$ 117,84, alta de 7,18%. Há um ano o feijão-carioca era comercializado pelos produtores a R\$ 83,03, variação positiva no ano em cerca de 42%. Nos demais estados, não foi diferente. No Mato Grosso do Sul e Bahia os produtores tiveram ganhos maiores, entre 18% e 19%, respectivamente. Mesmo com preços atraentes, os produtores catarinenses estão desmotivados para o plantio do feijão 1ª safra, sobretudo o feijão-carioca, que não toleraram períodos maiores de estocagem, perdendo qualidade comercial. Assim, normalmente na época de comercialização, quando o feijão catarinense compete com feijões de outros estados, o produtor se obriga a comercializá-lo a preços desfavoráveis.

A falta de chuvas e o período de baixa oferta de produto pelo que atravessamos, começa a preocupar o setor. Caso não volte a chover, a situação pode ficar delicada nas regiões produtoras, com possibilidades concretas de uma quebra de safra expressiva em todo país. No curtíssimo prazo, as previsões climáticas não são as melhores, visto que precisa chover grandes volumes para encher os reservatórios, restabelecer a vazão dos cursos d'água e melhorar as condições de umidade do solo. Com isso, a tendência é que tenhamos uma demanda maior que a oferta. No mercado do feijão, sempre que isso ocorre, os preços aumentam consideravelmente. Vale ressaltar que a área destinada ao plantio do feijão este ano no país é bem menor em comparação com a safra passada.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – Safra 2019/20 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Set./19	Ago./19	Variação mensal (%)	Set./18	Variação (%) Set./19 – Set./18
Santa Catarina	Feijão-carioca	117,84	109,95	7,18	83,03	41,92
Paraná		138,77	126,62	9,60	95,26	45,67
Mato Grosso do Sul		146,92	124,53	17,98	105,37	39,43
Bahia		153,24	128,39	19,36	103,77	47,67
Goiás		154,16	145,83	5,71	100,74	53,03
Santa Catarina	Feijão-preto	122,42	122,18	0,20	127,57	-4,04
Paraná		118,20	113,51	4,13	119,00	-0,67
Rio Grande do Sul		128,61	128,97	-0,28	127,89	0,56

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS, BA, GO e MS) – Outubro/2019.

No mercado atacadista de São Paulo, no mês de setembro o feijão carioca apresentou comportamento nominal, com elevação de preços na ordem de 14,1% para o carioca extra novo. Para o feijão-preto, o preço também segue com comportamento nominal, não apresentando variação neste mês. Um fato relevante que vem acontecendo no cenário do mercado atacadista está relacionado com volumes maiores de feijão rajado sendo absorvidos pelo mercado varejista. Isto porque os preços do rajado ficaram mais atraentes e o consumidor não percebe grande diferença em comparação ao carioca. O que está ocorrendo não é ruim, uma vez que os consumidores mudam seus hábitos de consumo, com uma maior diversificação em sua dieta. Esta mudança certamente irá refletir na produção, com mais opções para os produtores de outros tipos de feijões que tenham mercado interno e externo.

Produto ⁽¹⁾	10/10/2019	10/09/2019	Varição (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão-carioca extra novo (9,5)	182,50	160,00	14,1	nominal
Feijão-carioca extra (9,0)	180,00	155,00	16,1	nominal
Feijão-carioca especial (8,5)	172,50	150,00	15,0	nominal
Feijão-preto extra	160,00	160,00	0,0	nominal
Feijão-preto especial	142,50	142,50	0,0	nominal

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

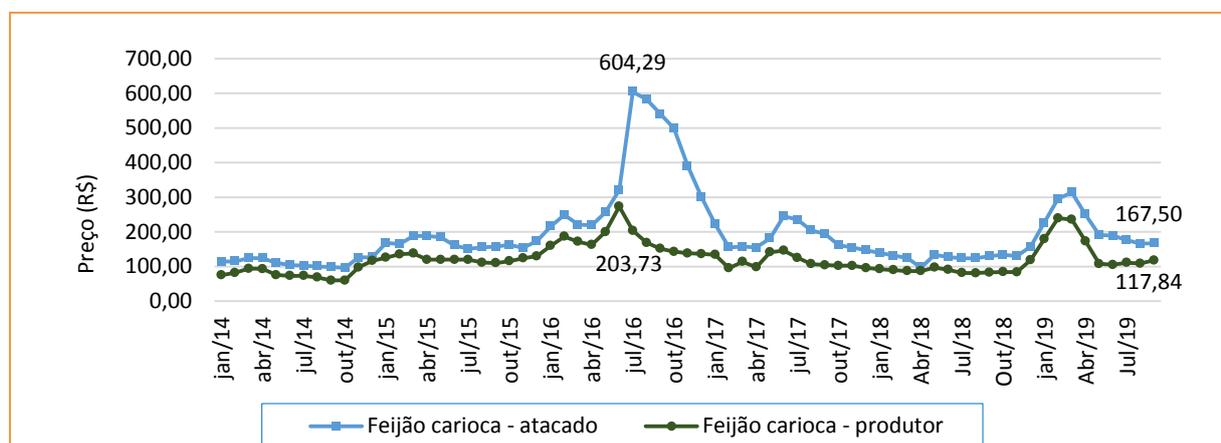
⁽²⁾ comportamento do mercado em 10/10/2019.

Nota 1: nominal - preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP). Outubro, 2019.

No mercado catarinense, os preços para o feijão carioca tiveram comportamento bastante irregular ao longo dos últimos seis anos. Contudo, é possível observar um comportamento que se repete todos os anos. Normalmente, entre janeiro e maio de cada ano a cotação da saca de feijão tem elevações significativas. Início de cada ano, é um período onde as compras do mercado atacadista se intensificam. Além disso, é quando se encerra o período de férias escolares, com os consumidores voltando às suas rotinas de compras, momento em que o mercado varejista promove ajustes nos preços ao consumidor. Este movimento de mercado normalmente traz reflexos positivos nos preços recebidos pelos produtores.

Os picos de preços observados ao longo da série geralmente estão associados a problemas de abastecimento. A ocorrência de eventos climáticos adversos e/ou a incidência de doenças e pragas são fatores que interferem significativamente na maior ou menor oferta de produto. Com uma produção nacional muito bem ajustada ao consumo, eventos atípicos numa determinada região podem provocar o desabastecimento de feijão em regiões específicas do país, fazendo com que haja necessidade de transferência de produto de outras partes do Brasil, o que, normalmente, acarreta em ajustes de preços.



Fonte: Epagri/Cepa.

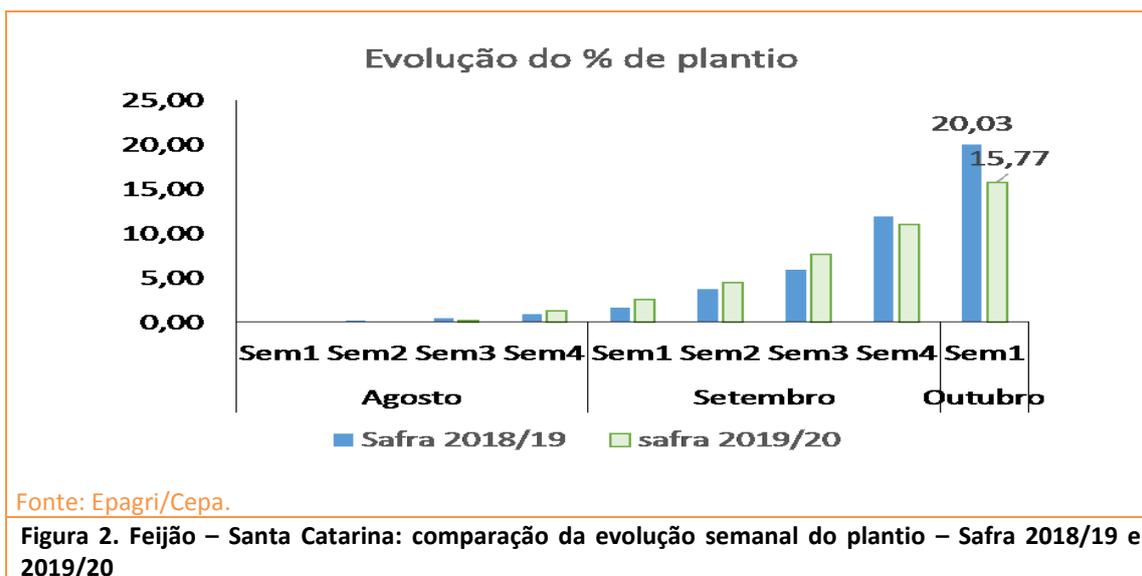
Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução mensal do preço do feijão carioca – produtor e atacado – 01/2014 a 09/2019

Safra

Neste mês de setembro, a estiagem que assola o estado desde junho provocou atraso na evolução do plantio da safra de feijão. Os levantamentos da Epagri/Cepa apontam para um atraso no plantio de cerca de 4,26% da área inicialmente estimada, na comparação com o mesmo período da safra passada. Até a

semana 40, apenas 15% da área prevista para plantio com feijão 1ª safra tinha sido semeada, o que representa cerca de 5 mil hectares dos 34 mil previstos para essa safra.

Mesmo com pouca chuva, em algumas regiões do estado estão sendo observados pequenos volumes de precipitação, o que tem permitido que o plantio seja realizado. A preocupação, contudo, é que não há perspectivas de chuvas expressivas para os próximos meses, razão que deixa em alerta todo setor produtivo. Muitas lavouras que foram semeadas e germinaram correm o risco de ter problemas de desenvolvimento, caso a estiagem prolongada persista.



Na safra 2019/20 de feijão 1ª safra deverá ocorrer uma redução na área plantada na ordem de 4% em comparação à safra passada. Até o momento, ainda não estão sendo registradas perdas em função da estiagem, apenas atraso nos plantios. Se tudo correr bem, deveremos ter um aumento na produtividade na ordem de 7%, mesmo com uma redução de área, a expectativa é que a produção aumente cerca de 3% em relação à safra passada. Os bons preços atualmente praticados estão deixando alguns produtores em dúvida, fazendo com que a decisão entre plantar feijão ou soja, seja considerada a melhor opção do mercado.

Analisando as perspectivas para a cadeia do feijão, é fundamental que os produtores catarinenses diversifiquem seus plantios de feijão. Existem no mercado de sementes, variedades de feijões carioca que escurecem tardiamente, tolerando armazenamento por períodos prolongados sem perda de qualidade comercial. Há, também, opção de feijões rajados, que gradativamente estão conquistando consumidores, com características que atendem tanto o mercado interno como o externo. Santa Catarina é um estado vocacionado para a exportação, somos um estados líder nacional na exportações de diversos produtos do agronegócio, organizar a cadeia produtiva do feijão é questão de sobrevivência para inúmero produtores, cerealistas e empacotadoras de nosso estado.

Segundo o Censo Agropecuário de 2017, o estado possui cerca de 35.585 estabelecimentos agropecuários que produzem feijão. As principais variedades plantadas são o feijão carioca e o preto, e no ranking nacional, estamos em 3ª lugar no número de propriedade que produzem feijão carioca, e no 11º que planta feijão preto. Trata-se de um significativo número de produtores de alimentos que, se não tiverem adequado apoio de entidades públicas, privadas e do sistema cooperativista, muito provavelmente substituirão seus cultivos por lavouras de milho e/ou soja.

Tabela 3. Feijão 1ª – Comparativo de safra – 2018/19 e 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa Atual Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	74	73	982	54	54	999	-27	-26	2
Blumenau	92	104	1.130						
Campos de Lages	7.810	15.173	1.943	7.700	14.815	1.924	-1	-2	-1
Canoinhas	5.550	9.299	1.675	5.330	11.245	2.110	-4	21	26
Chapecó	2.061	3.535	1.715	1.997	4.452	2.229	-3	26	30
Concórdia	420	657	1.564	427	694	1.625	2	6	4
Criciúma	533	628	1.178	675	808	1.197	27	29	2
Curitibanos	5.380	10.326	1.919	4.780	9.264	1.938	-11	-10	1
Florianópolis	31	40	1.274	12	7	542	-61	-84	-57
Ituporanga	980	1.927	1.966	945	2.061	2.181	-4	7	11
Joaçaba	2.417	3.274	1.355	2.368	4.037	1.705	-2	23	26
Joinville	22	22	1.000						
Rio do Sul	603	961	1.593	529	915	1.730	-12	-5	9
São Bento do Sul	680	966	1.421	600	1.080	1.800	-12	12	27
São M. do Oeste	1.199	2.303	1.921	868	1.777	2.048	-28	-23	7
Tabuleiro	463	812	1.754	376	475	1.264	-19	-41	-28
Tijucas	170	199	1.171	166	178	1.069	-2	-11	-9
Tubarão	973	1.305	1.342	773	1.031	1.334	-21	-21	-1
Xanxerê	5.868	11.125	1.896	6.443	11.580	1.797	10	4	-5
Santa Catarina	35.326	62.728	1.776	34.043	64.473	1.894	-4	3	7

Fonte: Epagri/Cepa. Setembro, 2019.

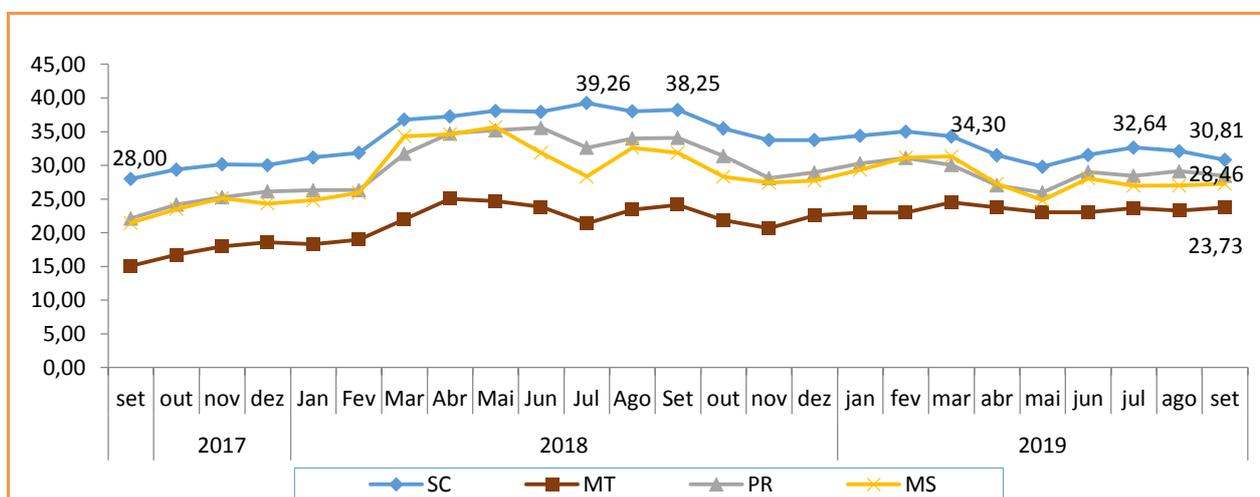
Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Na média mensal, em setembro o preço do milho foi de R\$ 30,81/sc de 60kg, 1,4% inferior ao mês anterior. Nas últimas três safras, o comportamento dos preços foi distinto. Em 2017, foram inferiores a R\$ 30,00 reais (safra recorde); em 2018 os preços alcançaram bons patamares, próximos de R\$40,00 reais (quebra de safra no centro Oeste); já em 2019 os níveis de preços estão intermediários, entre R\$ 31 e R\$ 34 (Figura 1). No MT, os preços estão mais estáveis, com menor influência do mercado interno. Os preços refletem alguns fatores:

- Com o início da colheita, as estimativas da produção americana para a safra em curso está se confirmando inferior à última¹. O USDA reporta no relatório de outubro uma produção de 350 milhões de toneladas, contra 366 milhões da safra 2018/19;
- Aumento significativo das exportações brasileiras de milho, que no acumulado até setembro alcançaram 28,9 milhões de toneladas. No câmbio, o dólar acima de R\$ 4,00 é o fator que favorece as exportações;
- Mercado com foco no clima no Brasil. Estiagem em alguns estados causa atraso no plantio de soja, podendo repercutir na segunda safra (principal) de milho em 2020;
- A demanda interna por milho deverá se elevar em função das maiores exportações de carnes pelo Brasil, em especial para a China.
- Com isso, os preços deverão se manter fortalecidos, com tendência de elevação até a entrada da nova safra, em final de janeiro/2020.



Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink.

Figura 1. Milho – SC, PR MT e MS: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60Kg) de 2017 a setembro/2019 – (atualizados IGP-DI)

¹ World Agricultural Production. <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>

Safra 2019/20

A segunda estimativa para safra 2019/20 apresenta área de 325.311 hectares na primeira safra (Tabela 1) e 16.239 hectares na segunda safra (área da safra anterior). A produtividade aponta recuo de 0,6% em relação à safra 2018/19. Na safra anterior (2018/19) foram registradas produtividades superiores a 10.500 kg/ha nas regiões de Curitiba/Campos Novos e Xanxerê/Abelardo Luz (Tabela 1). As estimativas de rendimento nestas regiões foram mantidas neste relatório, mesmo que as condições climáticas iniciais da atual safra² nos remetam para condições de precipitação irregulares. Os menores rendimentos estão registrados para as regiões do litoral, que, de Joinville a Araranguá, totalizam 13,7 mil hectares, representando 4,2% da área total cultivada na primeira safra no estado, com a finalidade principal para autoconsumo regional. A expectativa é que a produção do estado fique em 2,8 milhões de toneladas na safra 2019/20. As regiões que apresentaram maior variação positiva foram Curitiba, Criciúma e Joinville. Em termos absolutos, Canoinhas apresenta uma redução significativa de 2.660 hectares, pela ampliação da área com soja.

Tabela 1. Milho total – Santa Catarina 1ª safra: comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20

	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.734	52.476	6.785	7.724	52.069	6.741	-0,1	-0,8	-0,6
Blumenau	1.911	8.761	4.585	1.890	8.785	4.648	-1,1	0,3	1,4
Campos de Lages	32.300	258.140	7.992	31.760	254.618	8.017	-1,7	-1,4	0,3
Canoinhas	29.300	254.032	8.670	28.600	268.620	9.392	-2,4	5,7	8,3
Chapecó	46.291	395.220	8.538	44.986	381.136	8.472	-2,8	-3,6	-0,8
Concórdia	23.650	174.831	7.392	23.650	172.411	7.290	0,0	-1,4	-1,4
Criciúma	6.674	46.124	6.911	7.060	48.753	6.906	5,8	5,7	-0,1
Curitiba	24.335	258.392	10.618	25.835	259.674	10.051	6,2	0,5	-5,3
Florianópolis	93	434	4.667	11	35.001	3.182	-88,2	-91,9	-31,8
Ituporanga	10.980	77.766	7.083	10.430	74.988	7.190	-5,0	-3,6	1,5
Joaçaba	57.425	527.732	9.190	57.895	499.638	8.630	0,8	-5,3	-6,1
Joinville	410	2.057	5.016	390	2.029	5.203	-4,9	-1,3	3,7
Rio do Sul	20.165	138.239	6.855	19.000	131.196	6.905	-5,8	-5,1	0,7
São Bento do Sul	4.100	32.650	7.963	3.600	30.690	8.525	-12,2	-6,0	7,1
São M. do Oeste	31.853	255.744	8.029	31.453	254.377	8.088	-1,3	-0,5	0,7
Tabuleiro	2.975	16.972	5.705	2.381	15.310	6.430	-20,0	-9,8	12,7
Tijucas	1.735	9.100	5.245	1.680	8.420	5.012	-3,2	-7,5	-4,4
Tubarão	5.065	31.705	6.260	4.976	31.223	6.275	-1,8	-1,5	0,2
Xanxerê	22.990	251.372	10.934	21.990	240.802	10.951	-4,3	-4,2	0,2
Santa Catarina	329.986	2.791.747	8.460	325.311	2.734.774	8.407	-1,4	-2,0	-0,6

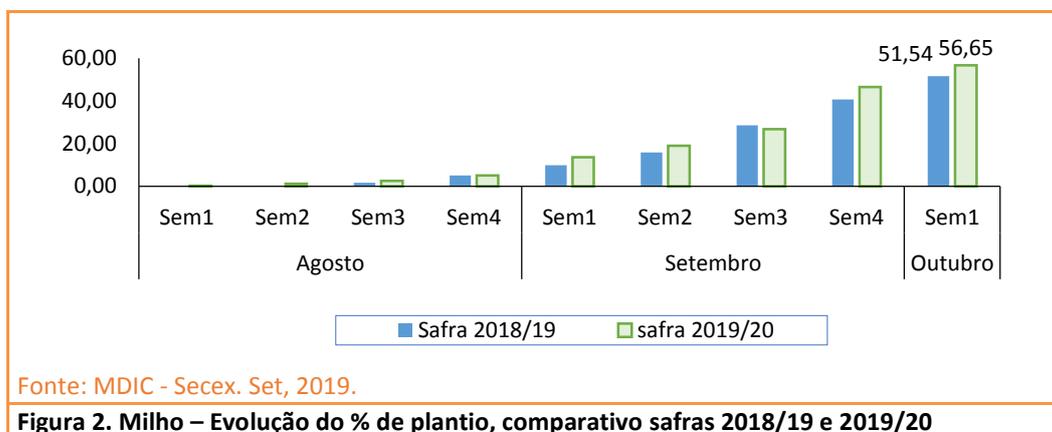
Fonte: Epagri/Cepa.

A evolução do plantio 2019/20

A atual safra está iniciando com plantio antecipado em relação à anterior. Na primeira semana de outubro registrou 56,6% da área semeada contra 51,5% no mesmo período da safra passada. No início de agosto já se registraram algumas áreas semeadas em especial localizadas no vale do Rio Uruguai e litoral, com altitude inferior a 500 metros. No entanto, a estiagem registrada em agosto e início de setembro preocupa os produtores quanto a germinação e desenvolvimento inicial das lavouras. As chuvas no início de outubro

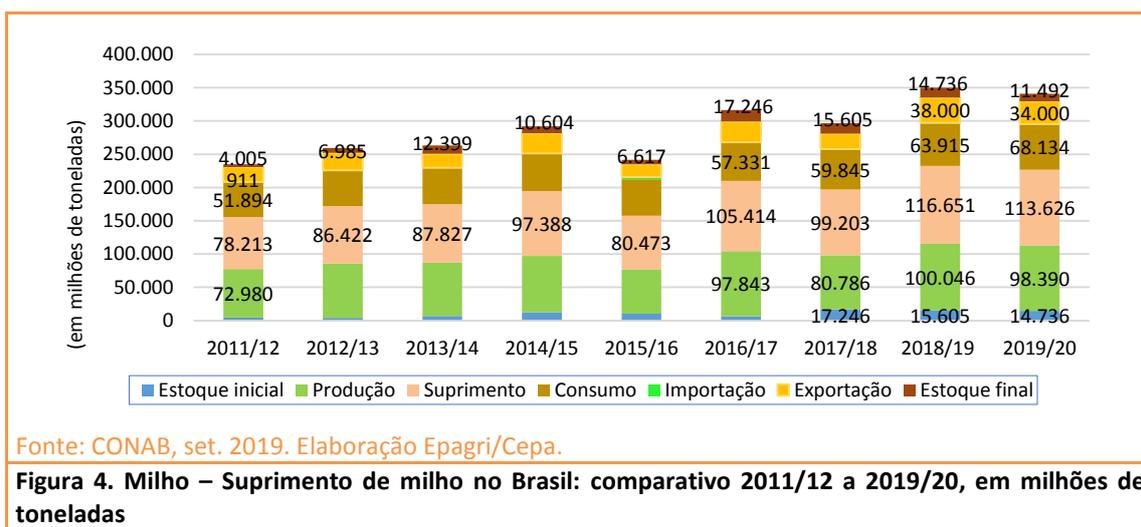
² Para o trimestre a previsão é de chuva próximo a abaixo da média climatológica, em SC. Em outubro persiste a condição de mais nebulosidade, porém a chuva segue mal distribuída e pouco significativa em algumas localidades. Nos meses seguintes a chuva fica bem distribuída, com valores mais significativos (Epagri/Ciram).

e na semana de 14-18 amenizam a situação, favorecendo a germinação e desenvolvimento inicial das lavouras.



Suprimento do milho

De janeiro a agosto, o Brasil exportou 28,9 milhões de toneladas, ultrapassando o volume exportado em 2018. Neste ritmo, as exportações poderão alcançar 38 milhões de toneladas em 2019. Considerando um consumo nacional de 64 milhões de toneladas e produção de 100 milhões no ano em curso, projeta-se um suprimento justo em 2019/20, sem muitos excedentes. No entanto, a CONAB³ indica um estoque de passagem de 14,7 milhões de toneladas (estimativa de outubro) e projeção de 11,5 milhões de toneladas para a safra 2019/20. Destaca-se a elevação do consumo, de 59,8 milhões de toneladas em 2017/18 para uma projeção em 2019/20 de 68,13 milhões de toneladas, mais de oito milhões de toneladas de incremento. Sendo assim, será necessário manter a produção superior a 100 milhões de toneladas na safra que se inicia. As condições climáticas favoráveis nos próximos meses são fundamentais para confirmação das estimativas iniciais.



³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.12 - Décimo segundo levantamento, 3 setembro 2019.

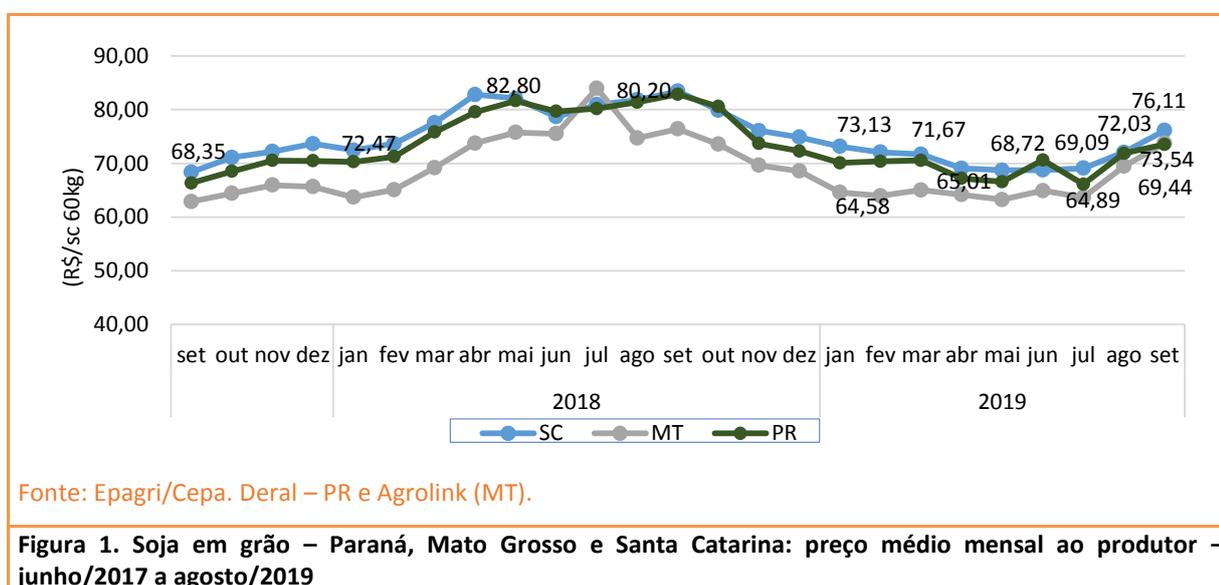
Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços apresentaram nova reação em setembro, 5,7% superior em relação ao mês anterior. Frente ao mesmo mês da safra passada, registrou retração de 7,5%. No Paraná e Mato Grosso o comportamento foi semelhante. Os fatores que influenciaram os preços em setembro e início de outubro foram:

- O relatório do USDA⁴ de setembro reduz a estimativa de produção mundial de 358 para 338 milhões de toneladas (out-2019), redução significativa de vinte milhões de toneladas;
- O cenário comercial entre China e EUA apresentam perspectiva de acerto;
- Foco do mercado nas condições climáticas durante a colheita nos EUA;
- O dólar e os prêmios de portos deram suporte aos preços nacionais em setembro e início de outubro, período em que se abre uma janela relativamente favorável para comercialização no mercado físico. No entanto, poucos produtores ainda possuem soja disponível.



Fonte: Epagri/Cepa. Deral – PR e Agrolink (MT).

Figura 1. Soja em grão – Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – junho/2017 a agosto/2019

⁴ World Agricultural Production: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>

Safra 2019/20

A estimativa inicial para a safra 2019/2020 apresenta um aumento na área plantada de 1,05% em relação à safra 2018/19. Assim, teremos uma área cultivada de 677.388 contra 670.330 hectares da safra 2018/19. As regiões que apresentam aumento de área são: Canoinhas, São Bento do Sul, Ituporanga e Rio do Sul. As regiões de Araranguá e Tubarão registram cultivos nesta safra. A região de Criciúma apresenta um aumento significativo de área, com mais de 4 mil hectares. O cultivo da soja no sul do Estado avança sobre áreas antes ocupadas com feijão, milho e até arroz. As produtividades oscilam entre 3.000 kg/ha e 4.146 kg/ha. A região de Curitiba/Campos Novos registra os maiores rendimentos. O cultivo de soja para produção de sementes nesta região é expressivo, o que explica os bons rendimentos registrados. Estima-se que nas regiões Oeste e Extremo Oeste, em especial no Vale do Rio Uruguai, existam mais de 30 mil hectares de cultivo de soja segunda safra em sucessão ao milho grão e silagem. As produtividades menores nestas regiões, em parte são explicadas pelo cultivo da soja em segunda safra, cujo rendimento é menor do que o plantio na safra de verão.

Tabela 1. Soja – Comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20

MRG	Safra 2018/19			Safra 2019/20 (out)			Variação %		
	Área (ha)	Quantidade (t)	Produt. (kg/ha)	Área (ha)	Quantidade (t)	Produt. (kg/ha)	Área	Quant.	Produt.
Araranguá	-	-	-	530	1.696	3.200	-	-	-
C. de Lages	59.440	215.053	3.618	59.490	215.392	3.621	0,08	0,16	0,07
Canoinhas	126.000	429.350	3.408	130.100	504.600	3.754	3,25	17,53	10,17
Chapecó	92.300	275.985	2.990	92.300	299.658	3.161	0,00	8,58	5,71
Concórdia	6.575	23.537	3.580	6.575	23.738	3.623	0,00	0,85	1,20
Criciúma	1.938	6.977	3.600	4.260	14.988	3.518	119	114,82	-2,27
Curitiba	109.630	443.033	4.041	109.630	454.497	4.146	0,00	2,59	2,59
Ituporanga	7.220	29.352	4.065	7.550	31.251	3.951	4,57	6,47	-2,81
Joaçaba	61.150	222.201	3.634	59.830	227.307	3.799	2,16	2,30	4,55
Rio do Sul	5.020	19.476	3.880	5.200	20.293	3.796	3,59	4,19	-2,17
S. B. do Sul	10.200	32.960	3.231	10.800	36.000	3.333	5,88	9,22	3,17
S. M. Oeste	41.277	137.847	3.340	41.143	145.054	3.402	-0,32	5,23	1,86
Tubarão	-	-	-	400	1.280	3.200	-	-	-
Xanxerê	149.580	518.382	3.466	149.580	516.628	3.462	0,00	-0,34	-0,12
Santa Catarina	670.330	2.354.153	3.512	677.388	2.492.382	3.634	1,05	5,87	3,48

Fonte: Epagri/Cepa.

Acompanhamento da Safra – Evolução do plantio

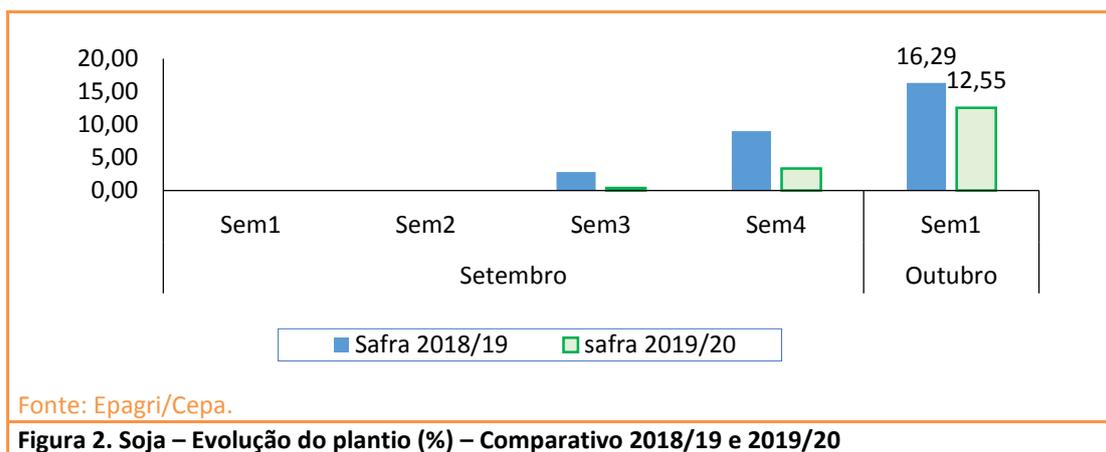
- Os plantios das lavouras de soja se encontram mais avançados na Região Oeste – Chapecó, Concórdia e Xanxerê, com 15 a 25% da área semeada até 9 de outubro. Os plantios estão sendo realizados em função das chuvas ocorridas na primeira semana de outubro em todo o Estado, porém, deve ser mais intenso assim que a semeadura do milho finalizar, a partir da segunda quinzena de outubro;

- Após a colheita do trigo, a semeadura da soja avança nestas áreas;

- Nas regiões de Curitiba e Canoinhas, com o preparo do solo concluído, os produtores iniciaram o plantio na primeira semana de outubro, quando inicia a janela favorável nestas regiões. Na região dos

Campos de Lages, o período favorável inicia a partir do dia 10 de outubro, conforme zoneamento estabelecido pelo Ministério da Agricultura⁵.

- Em algumas áreas, o atraso no plantio poderá inviabilizar a segunda safra.
- No entanto, até a primeira semana de outubro 16,2% da área do estado já estava semeada, contra 12,5% na safra anterior;
- As chuvas dos dias 14 e 15 de outubro favoreceram a germinação das lavouras implantadas, uma das fases sensíveis no ciclo das plantas.



Safra nacional:

As estimativas para a safra 2019/20 indicam mais um crescimento na área de plantio de grãos e a sua produção, quando comparadas aos valores obtidos na temporada passada. A expectativa é que sejam cultivados 63,9 milhões hectares, ou seja, uma variação positiva de 1,1% em comparação àquela área utilizada na safra 2018/19.

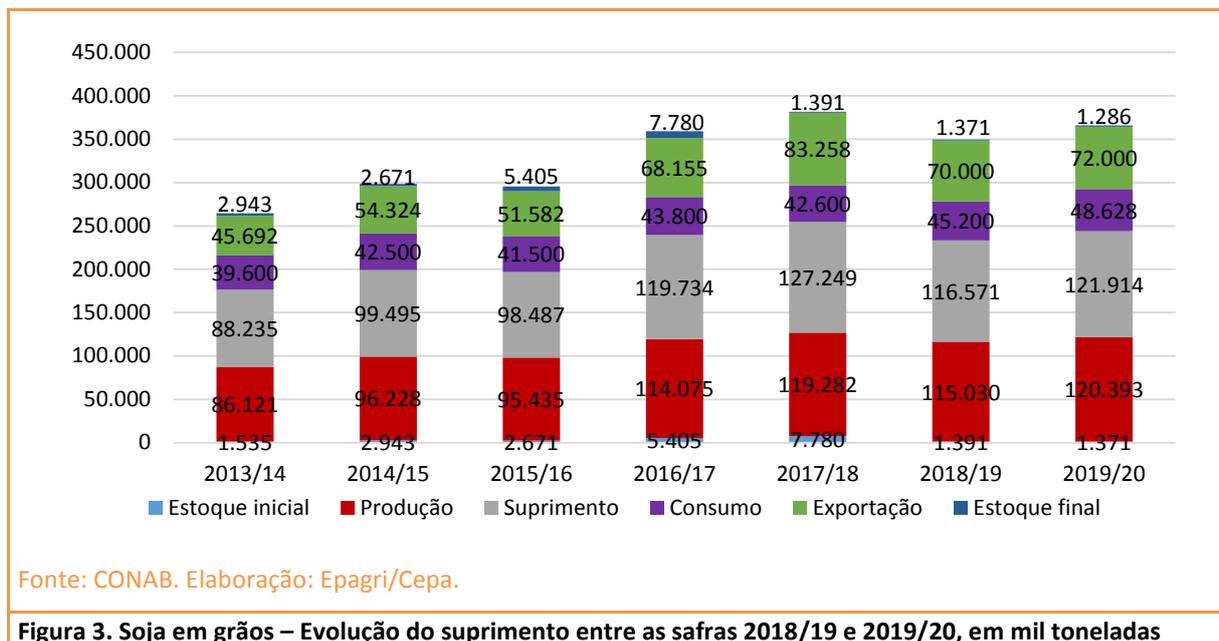
A cultura da soja mantém a tendência de crescimento na área cultivada. Nesta safra, a estimativa aponta para um crescimento de até 1,9% em relação à safra passada, com prognóstico de produção de 120,4 milhões de toneladas, conforme CONAB⁶.

Estimativas de suprimento (oferta e demanda)

O consumo de soja no Brasil na safra 2018/19 está estimado em 45,2 milhões de toneladas. Para o próximo ano, a previsão é de aumento para 48,6 milhões de toneladas. As projeções das exportações são de 70 milhões de toneladas em 2019 e 72 milhões em 2019/20. Os estoques finais e iniciais são os menores da série. Em relação à produção, a projeção é que passe de 115 milhões de toneladas na safra 2018/19 para 120 milhões na safra 2019/20. Entre 2013/14 e 2019/20 (estimativa), o consumo aumentou 22,7%, a produção 39,5% e as exportações 57,8%. O mercado internacional conferiu grande impulso para o crescimento da área cultivada da leguminosa na última década.

⁵ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO SECRETARIA DE POLÍTICA AGRÍCOLA PORTARIA Nº 75, DE 11 DE JULHO DE 2019: http://www.agricultura.gov.br/assuntos/riscos-seguro/risco-agropecuario/portarias/safra-vigente/santa-catarina/word/copy_of_PORTN75SOJASC.pdf

⁶ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.01- Primeiro levantamento, outubro 2019



Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do trigo tiveram ligeira alta. Em setembro, os produtores catarinenses receberam em média R\$ 43,41/saca de 60kg, contra R\$43,33 recebidos no mês passado, alta de cerca de 0,2%. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os produtores estão recebendo cerca de 1% a mais do que recebiam há um ano. No Paraná, segundo dados do Deral/PR, os preços permaneceram praticamente inalterados, com elevação de 0,11%, e no Rio Grande do Sul, alta de 0,43%.

No momento a expectativa é que os preços devam oscilar negativamente, isso porque tanto moinhos como agroindústrias estão bem abastecidos e deverão aguardar a nova safra para realizarem compras mais volumosas. Muito realizaram compras futuras e agora estão recebendo o produto a preços antigos. Preços melhores para produtores poderão ocorrer com o início da colheita da nova safra nacional, quando se terá dados mais reais sobre a necessidade do volume de trigo a ser importado, passando a valerem, para o mercado interno, as cotações internacionais do cereal, sobretudo do mercado argentino.

No Rio Grande do Sul, a colheita já iniciou, alcançado cerca de 2% até o final da segunda semana de outubro. A qualidade do produto colhido é considerada boa, mas com produtividade abaixo do esperado. Já no Paraná, cerca de 76% da safra de trigo já foi colhida, sendo que 67% está recebendo nota boa e 26% nota média. Com o avanço da colheita, ficam mais evidente os prejuízos causados pelas más condições climáticas durante o inverno. Em comparação à safra passada, a área plantada, a produção e rendimento médio recuaram.

Na Argentina, principal fornecedor de trigo para o Brasil, o clima também tem prejudicado as condições das lavouras. A safra está se definindo com a produtividade comprometida. Enquanto no Norte do país a colheita avança com rendimentos médios acima da média, na região Central e Sul ventos gelados, geadas e granizo afetaram a cultura, comprometendo o rendimento médio. Em função dessas condições, as projeções de produção foram ajustadas para 19,8 milhões de toneladas.

No mercado internacional, segundo dados da Conab, a ampla oferta mundial e de trigo norte-americano está contribuindo para a queda das cotações. Para suprir a demanda interna em setembro, o Brasil importou 492,3 mil toneladas de trigo, sendo 71,7% da Argentina e 15,4% dos Estados Unidos. Considerando a perda de produtividade devido aos problemas climáticos, a Conab revisou a estimativa da safra brasileira de trigo para 5,1 milhões de toneladas, 5,1% inferior à safra passada. Mesmo com uma produção menor, as importações deverão ser prejudicadas pela alta cambial. Com isso, os estoques finais deverão atingir seu menor nível dos últimos oito anos.

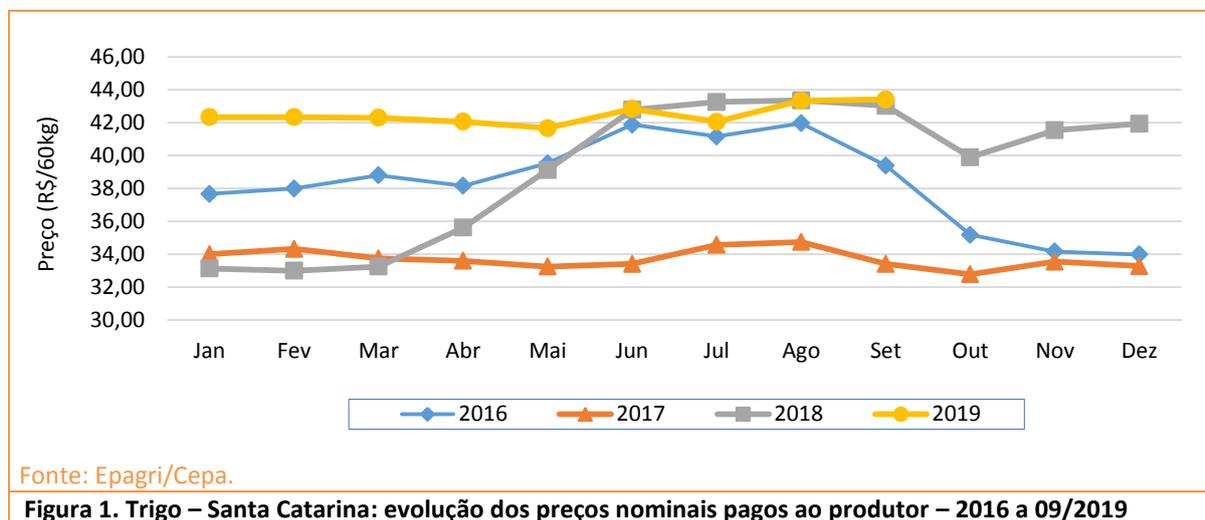
Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2019/20 – R\$/saca de 60kg

Estado	Set./2019	Ago./2019	Variação mensal (%)	Set./2018	Variação anual (%)
Santa Catarina	43,41	43,33	0,18	43,02	0,9
Paraná	46,24	46,19	0,11	46,54	-0,6
Rio Grande do Sul	41,56	41,38	0,43	42,14	-1,4
São Paulo	49,72	47,99	3,60	54,21	-8,3

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Setembro, 2019.

A tendência, com base no comportamento histórico, é de ligeira queda para os preços recebidos pelos produtores para o próximo trimestre. Podemos observar que nos últimos três anos, entre os meses de setembro e outubro há, de maneira sistemática, uma baixa nas cotações do trigo, comportamento este que poderá se repetir neste ano.



Safra

Em setembro as estimativas da Epagri/Cepa apontam para uma redução da área plantada no estado na ordem de 7%, fator que deve promover uma diminuição da produção em cerca de 6% quando comparado com a safra passada. O rendimento médio ainda apresenta aumento de 1%, mas poderá reduzir na medida em que a safra avança e a estiagem persistir.

Tabela1. Trigo grão – Comparativo safra 2018/19 e estimativa atual – safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa atual Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	330	703	2.130	671	2140	3.189	103	204	50
Canoinhas	10.850	33.235	3.063	9.500	30.920	3.255	-12	-7	6
Chapecó	12.527	33.314	2.659	11.514	31.797	2.762	-8	-5	4
Concórdia	1.330	3.942	2.964	690	1.920	2.783	-48	-51	-6
Curitibanos	7.500	28.026	3.737	7.300	24.408	3.344	-3	-13	-11
Ituporanga	765	1.938	2.533	835	2.121	2.540	9	9	0
Joaçaba	3.131	9.285	2.966	3.848	12.445	3.234	23	34	9
Rio do Sul	190	492	2.589	200	510	2.550	5	4	-2
São Bento do Sul	250	659	2.636	500	1.560	3.120	100	137	18
São M. do Oeste	2.956	9.224	3.120	3.751	9.721	2.592	27	5	-17
Xanxerê	14.100	41.583	2.949	11.491	35.484	3.088	-19	-15	5
Santa Catarina	53.929	162.401	3.011	50.300	153.026	3.042	-7	-6	1

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2019.

Desde junho não chove adequadamente em todo estado. A estiagem prolongada atingiu praticamente todo o ciclo de cultivo das lavouras de trigo. Na região de Curitiba e Joaçaba as chuvas que caíram no início de outubro contribuíram para diminuir as perdas, mas é consenso entre produtores e técnicos que a safra está comprometida e que o volume a ser colhido deve ficar, pelo menos, 25% menor do que o inicialmente projetado. A expectativa é de que as chuvas se regularizem e se possa ter um produto de qualidade.

Já na região de Canoinhas, as lavouras atingiram o estágio de frutificação em sua totalidade. Nessa fase é mais fácil observar as condições das lavouras e verificar a existência de falhas no stand de plantas e no enchimento de grãos, problemas decorrente da estiagem prolongada. A colheita deverá iniciar no final do mês (semana 44). No Extremo Oeste, a colheita já começou mas em ritmo lento. A produtividade está abaixo das expectativas iniciais, na faixa de 1.800 kg/ha. Já na região Oeste do estado as operações de colheita devem se intensificar na próxima semana, até porque as operações de plantio das safras de milho e soja já estão atrasadas em comparação à safra passada.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Cadeia produtiva do alho comemora renovação da tarifa antidumping sobre o alho chinês.

A Portaria nº 4.593/2019, de 03 de outubro, oficializou a prorrogação por mais cinco anos da tarifa antidumping sobre o alho importado da China.

A tarifa antidumping é aplicada pelo Brasil desde 1996, em função da comprovação de prática do dumping pela China, com consequências que comprometiam a viabilidade econômica da atividade no Brasil. O Brasil taxa o alho chinês desde 1996, no valor de US\$ 0,78/kg.

Ainda em relação à conjuntura para o setor de hortifrúteis, do qual o alho faz parte, cabe registrar a entrada em vigor da INC – Instrução Normativa Comum nº 2, de 01/02/2018, que trata da rastreabilidade dos produtos vegetais frescos destinados à alimentação humana, para fins de monitoramento e controle de resíduos de agrotóxicos, em todo o território nacional.

Preço

Embora tenha ocorrido uma pequena redução de 5,5% no preço (FOB) do alho importado pelo Brasil no mês de setembro em relação ao mês de agosto (Figura 1), no mesmo período houve uma importante redução no volume de alho importado.

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade da cidade de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado, no final de agosto, a R\$ 14,87/kg, fechando o mês de setembro a R\$ 13,41/kg, uma redução de 9,8%. O alho classe 6, no mesmo período, oscilou de R\$ 16,84/kg para R\$ 15,41/kg, redução de 8,49%. O alho classe 7, que finalizou o mês de agosto com preço de R\$ 18,47/kg, fechou o mês de setembro a R\$ 17,41/kg, redução de 5,74%.

No caso dos alhos importados, chineses e espanhóis, ambos fecharam o mês de setembro com preço para a classe 5/6 a R\$ 13,00/kg e classe 6/7 a R\$ 14,00/kg.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, em agosto o alho nobre nacional, classes 4 e 5, finalizou o mês de setembro com preço de R\$ 12,00/kg contra R\$ 14,87/kg registrado no mês de agosto, redução de 19,30%. Para o alho classes 6 e 7, o preço no final do mês de setembro foi de R\$ 16,00/kg, sendo que foi de R\$ 16,87/kg no final de agosto, redução de 5,15% no período.

Produção

O monitoramento da safra 2019/20 realizado pela Epagri/Cepa aponta que a safra catarinense de alho está em pleno desenvolvimento. Apesar de nos últimos quatro meses as precipitações terem sido abaixo das médias históricas para o período, as condições das lavouras estão sendo consideradas de boas a ótimas, especialmente com relação ao estado fitossanitário.

Aproximadamente 50% da área plantada com a cultura no estado encontra-se no período de diferenciação do tecido para formação dos bulbos. Esse é um período crítico do ponto de vista da produção da safra, pois há exigência de boa disponibilidade de água no solo. Neste sentido, as chuvas da última semana, embora insuficientes para recuperação dos mananciais, contribuíram para um quadro de maior tranquilidade à produção.

De qualquer modo, a falta de chuvas permanece, obrigando os produtores a recorrerem à irrigação das lavouras, o que implica em aumento dos custos de produção. Por outro lado, as condições de menor umidade no ambiente estão contribuindo para que as lavouras se desenvolvam em bom estado fitossanitário, reduzindo o uso de agrotóxicos para combater pragas e doenças.

Em Santa Catarina, a safra 2019/20 soma 1.828ha cultivados, área 24,02% inferior à safra passada, que foi de 2.406ha. Esta redução de área está diretamente relacionada aos resultados econômicos negativos de grande parte dos produtores catarinenses nas safras 2017/18 e 2018/19.

A estimativa de produção da safra catarinense é de uma colheita de 16.443 toneladas, redução de aproximadamente 5% em relação à safra passada, em função da possível recuperação da produtividade média que pode chegar a 8.995kg/ha (Epagri/Cepa).

Comércio exterior

A situação atual do mercado internacional do alho reflete um padrão cíclico das flutuações de preço, visto que o preço do alho chinês em 2016 e no primeiro semestre de 2017 foi muito alto, provocando aumento de plantio em muitos países produtores. No segundo semestre de 2017, houve queda repentina nos preços em função da grande oferta do produto. Com a redução de plantio na China e outros países importantes produtores, espera-se que a gradual recuperação dos preços se mantenha e possa, inclusive, alcançar melhores níveis no primeiro semestre de 2020.

De qualquer maneira, a conjuntura dependerá de como a China se posicionará no mercado, pois é o maior produtor e exportador mundial de alho.

A importação de alho no mês de setembro deste ano foi de 7,78 mil toneladas, sendo a menor dos últimos 22 meses (Tabela 1). Nos primeiros nove meses de 2019, a importação de alho pelo Brasil atingiu 125,9 mil toneladas, com média mensal de 13,98 mil toneladas, contra uma média mensal no mesmo período do ano passado de 14,56 mil toneladas, uma redução média de 3,98% no período.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2018 e jan./ago./2019(mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	-	-	-	125,9

Fonte: Comexstat/ME: outubro/2019.

O preço FOB no mês de setembro teve pequena redução em relação ao mês de agosto, porém não alterando a faixa de cotação entre os melhores meses desde julho de 2017.

A recuperação vigorosa dos preços internacionais do alho, que iniciou em setembro de 2018, propiciou aumento acima de 128% (FOB), no período, saindo de US\$ 0,67/kg para US\$ 1,53/kg no mês de setembro/19 (Figura 1).

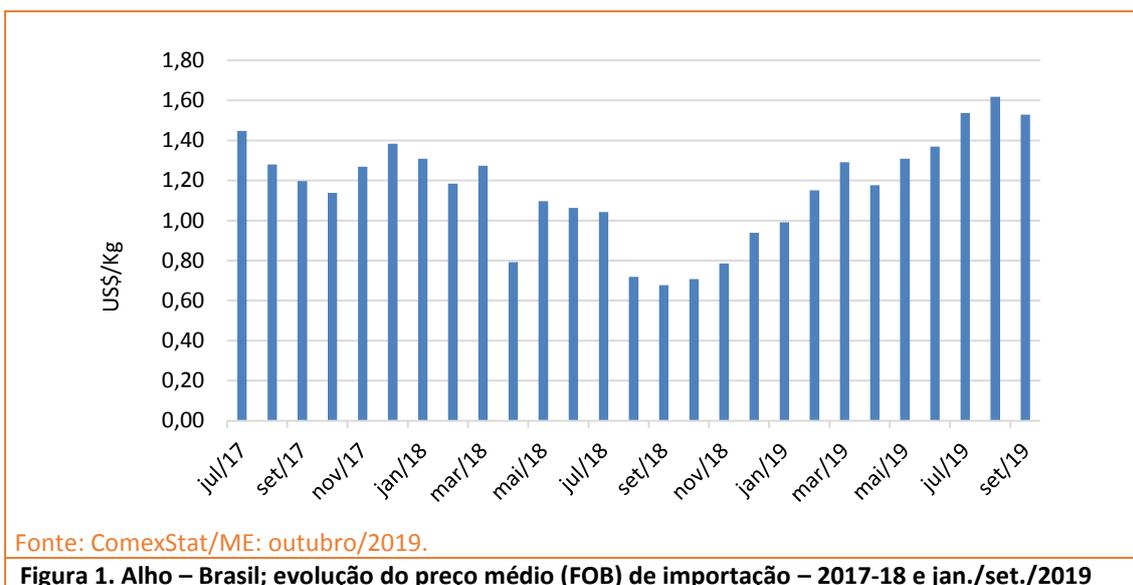


Figura 1. Alho – Brasil; evolução do preço médio (FOB) de importação – 2017-18 e jan./set./2019

Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho (kg) internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal (US\$) de julho a dezembro de 2017, janeiro a dezembro de 2018 e janeiro a setembro de 2019. Neste ano, de janeiro a setembro o dispêndio foi US\$ 163,46 milhões, para uma entrada de 125,9 mil toneladas de alho.

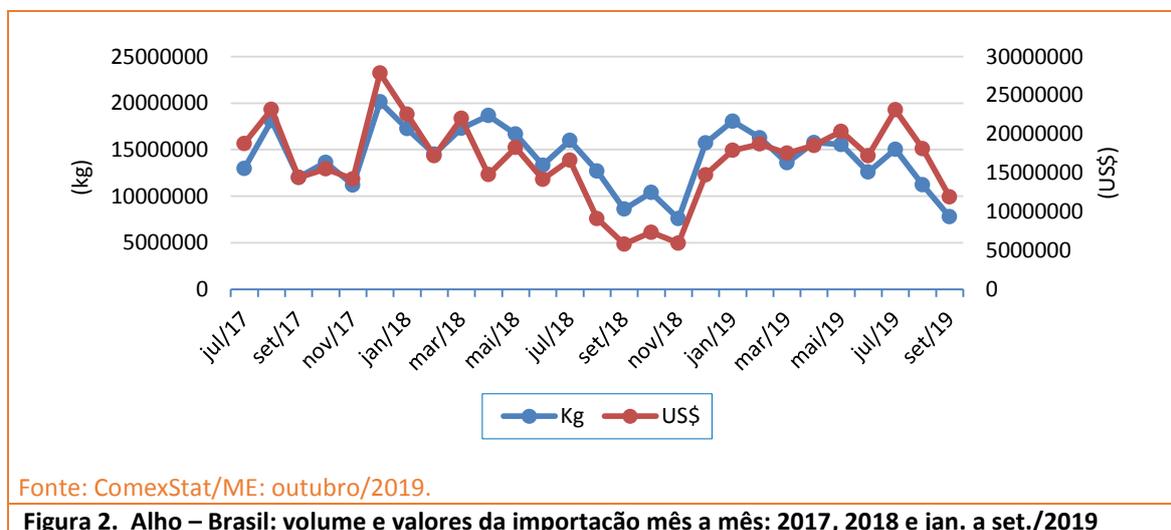
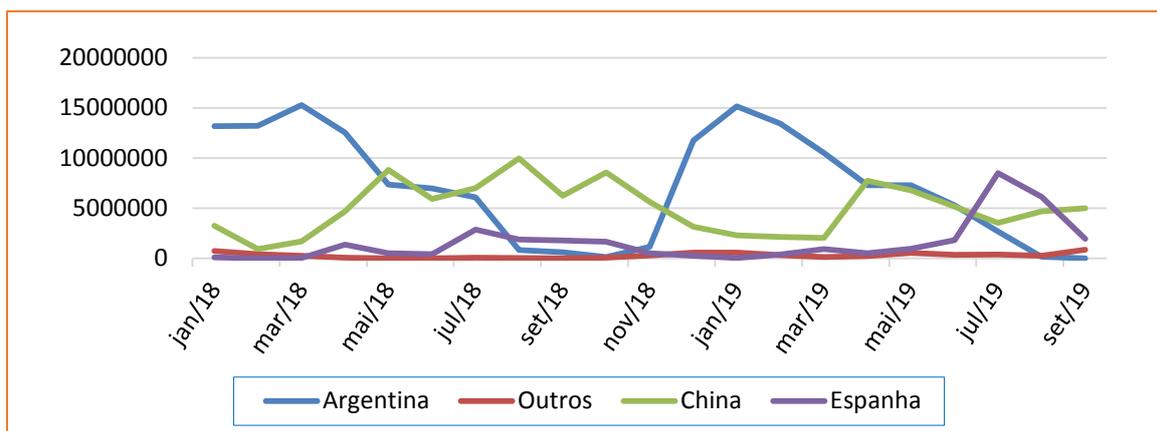


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês: 2017, 2018 e jan. a set./2019

A participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil no ano de 2018 e de janeiro a setembro de 2019 pode ser vista na Figura 3.

O principal fornecedor no mês de setembro foi a China, com 4,98 mil toneladas, 64,01% do volume, seguida pela Espanha com 1,94 mil toneladas, 25,45%, e os demais países com 0,86 mil toneladas ou 11,05% do total importado.

Neste mês de setembro não houve registro no *ComexStat* sobre importação de alho da Argentina.



Fonte: Comexstat/ME: outubro/2019.

Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (Kg) – 2018 e jan. a ago./2019

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Safra catarinense de cebola 2019/20: início da colheita de variedades superprecoces inicia na segunda quinzena desse mês.

O plantio da safra de cebola 2019/20 foi encerrado na região sul do Brasil nos primeiros dias de setembro. Em Santa Catarina, na região de Joaçaba algumas áreas deixaram de ser plantadas em função da falta de chuvas, que ocorre desde o mês de junho, com precipitações que estão abaixo das médias históricas para o período. O reflexo na área não plantada é de cerca de 1% da área total plantada em Santa Catarina, mas que não deve refletir no volume ofertado no mercado, pois as perspectivas de produção e produtividade, até o momento, são bastante positivas.

Preço

No início do mês de setembro o preço da cebola foi pressionado pela entrada de cebola importada, especialmente holandesa, espanhola, argentina e chilena. Da mesma forma, a oferta da hortaliça nacional se elevou em alguns períodos do mês, fazendo os preços oscilarem significativamente. Segundo a Hortifruti/Cepea, em São José do Rio Pardo a cebola caixa 3 foi comercializada a R\$ 1,45/kg entre 16 a 20/09, significando redução de 40,8% em relação à semana anterior.

Por outro lado, a aproximação do final da colheita no Cerrado e em São Paulo contribuiu para reequilibrar o mercado no final do mês, mesmo com a entrada da produção do Nordeste, que será a principal região fornecedora da hortaliça antes da entrada da safra sulista, que inicia colheita no final de outubro e início de novembro.

Na segunda semana de outubro, os preços da cebola reduziram em todas as regiões produtoras, devido a intensificação da colheita no Nordeste e com alguma oferta de final de safra de São Paulo e do Cerrado (MG e GO). Com isso, segundo a Hortifruti/Cepea, entre os dias 07 a 11/10 na praça de Mossoró (RN) a cebola caixa tipo 3 foi comercializada a R\$ 1,39/kg e em Irecê (BA) a R\$ 1,00/kg, redução de 30,12% e 34,10%, respectivamente, em relação à semana anterior.

No mercado de atacado na Ceasa/SC – Unidade de São José – SC, o mês de setembro iniciou com cotação para a cebola tipo caixa 3 nacional a R\$ 3,50/kg, atingindo R\$ 3,00/kg no final da primeira quinzena e fechando o mês a R\$ 3,25/kg. Em relação ao final do mês de agosto, a redução no preço no final do mês de setembro foi de 13,33%. Portanto, mesmo com algumas alterações ocorridas no centro do país, o mercado catarinense permanece aquecido.

Na Ceagesp, maior central de abastecimento da América Latina, o mês de setembro foi marcado pela redução de preços da hortaliça. No final do mês de agosto, os preços da cebola nacional média eram em torno de R\$ 4,00/kg, passando para R\$ 2,74/kg próximo do dia 20 de setembro, fechando o mês a R\$ 1,99/kg, no dia 30/09. Em relação ao mês de agosto, que fechou o preço a R\$ 3,82/kg, a redução foi de 47,9%.

Safra catarinense

As condições climáticas nas regiões produtoras do estado durante o mês de setembro foram de baixas precipitações, obrigando os produtores a continuar a utilizar a irrigação para evitar prejuízos e perdas de produção nas lavouras. Conforme afirmado no boletim do mês de agosto, as condições climáticas ainda

reinantes exigiram o uso de irrigação por parte dos produtores, o que acarretou em aumento no custo de produção. Por outro lado, a condição de menor umidade em grande parte do período de desenvolvimento vegetativo da hortalíça contribuiu para um bom e até ótimo estado fitossanitário da maioria das lavouras, até o momento.

A ocorrência de chuvas nas regiões produtoras, como Alto Vale do Itajaí, Joaçaba, Tabuleiro e Tijucas, na semana de 29 de agosto a 05 de outubro, embora sem recuperar os mananciais, foi de grande importância para amenizar a pressão sobre a demanda de água para irrigação.

Na região do Alto Vale do Itajaí, principal região produtora da hortalíça no estado, as lavouras implantadas com as cultivares superprecoces devem ter seu início de colheita na segunda quinzena deste mês, segundo acompanhamento de safra da Epagri/Cepa.

Na região de Joaçaba e Campos de Lages, de plantio mais tardio que as demais, as lavouras se desenvolvem, também, em boas condições fitossanitárias até o momento. Em ambas as regiões houve pequena redução de área em relação à estimativa inicial da Epagri/Cepa, decorrente da falta de água para irrigação, o que levou aos produtores a optarem em reservar a água disponível para irrigar as lavouras implantadas até meados de agosto. A redução é avaliada em aproximadamente 1% da área total, cujo reflexo na produção total não deve ser significativo em função da estimativa de produtividade, que até o momento é muito boa.

Neste sentido, as expectativas para a safra 2019/20 são bastante positivas, especialmente se mantidas as atuais condições de sanidade das lavouras, bem como se ocorrer melhora nas precipitações pluviométricas nos próximos meses.

Deste modo, em se mantendo o contexto atual da safra, a Epagri/Cepa mantém as estimativas para a safra 2019/20 de uma produção acima das 500 mil toneladas, com uma área plantada de 18.672ha e estimativa de produtividade média um pouco acima de 27 toneladas por hectare.

Comércio exterior

No mês de setembro, a Holanda ampliou sua participação no fornecimento de cebolas ao Brasil. Na semana de 01 a 07 o Brasil importou mais de 5 mil toneladas da hortalíça, ficando como segundo país na importação de cebola daquele país. Contudo, a oferta de cebola no mercado mundial não difere muito do mesmo período do ano passado. Desse modo, a tendência é de que, possivelmente, não haja surpresas em relação à dinâmica geral do mercado.

A tabela 1 apresenta as exportações brasileiras de cebola desde 2015. Embora com volume e valores pouco expressivos, tem caráter ilustrativo e indicativo de alternativa de negócios em conjunturas desfavoráveis no mercado interno, como ocorreu em 2018, para algumas regiões produtoras de São Paulo, cujo mercado foi, basicamente, o Paraguai. No caso do mês de setembro, foram exportadas 5,47 mil toneladas, sendo 3,66 mil para o Paraguai e 1,81 mil toneladas para a Argentina, totalizando pouco mais de 7,91 mil toneladas em 2019, conforme dados do Ministério da Economia.

Neste ano, o volume de exportações até o mês de setembro atinge 7,91mil toneladas com um faturamento de 1,62 milhão de dólares (Tabela1).

Tabela 1. Cebola – Brasil: exportações – 2015 a 2018 e janeiro a agosto de 2019

Ano	Valor – US\$	Quantidade – kg	Valor médio – US\$/kg
2015	1.730.100	4.856.280	0,356
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	1.620.574	7.915.426	0,204

Fonte: Comexstat/ME – outubro/2019.

Com relação às importações (Figura 1), no mês de setembro foram internalizadas 21,21 mil toneladas, contra 14,27 mil toneladas no mês de agosto, crescimento de 48,63% em relação ao mês de agosto, marcando o segundo mês de crescimento nas importações pelo Brasil.

Em setembro, o preço FOB médio foi de US\$ 0,332/kg ao passo que no mês de agosto foi de US\$ 0,36/kg, aumento de 10,2%.

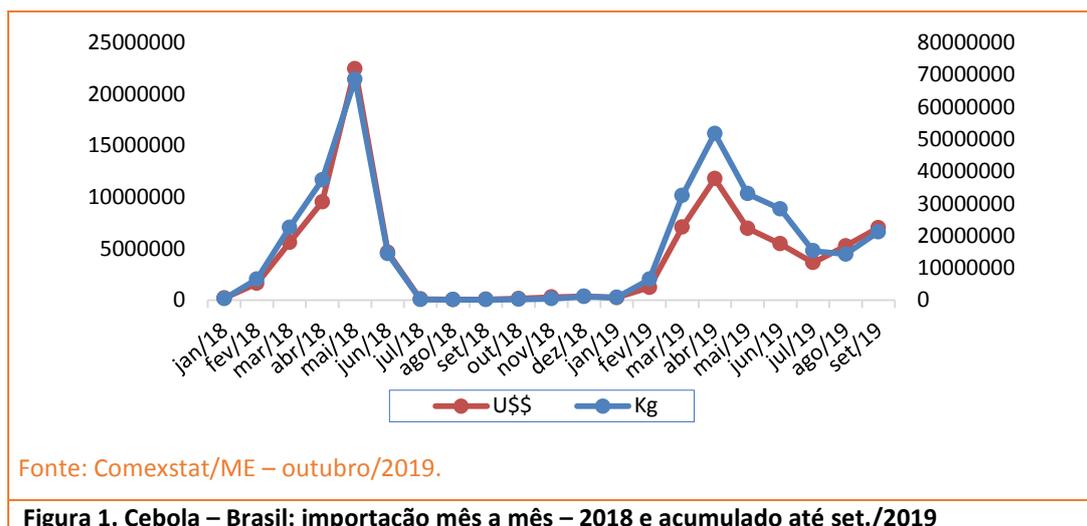
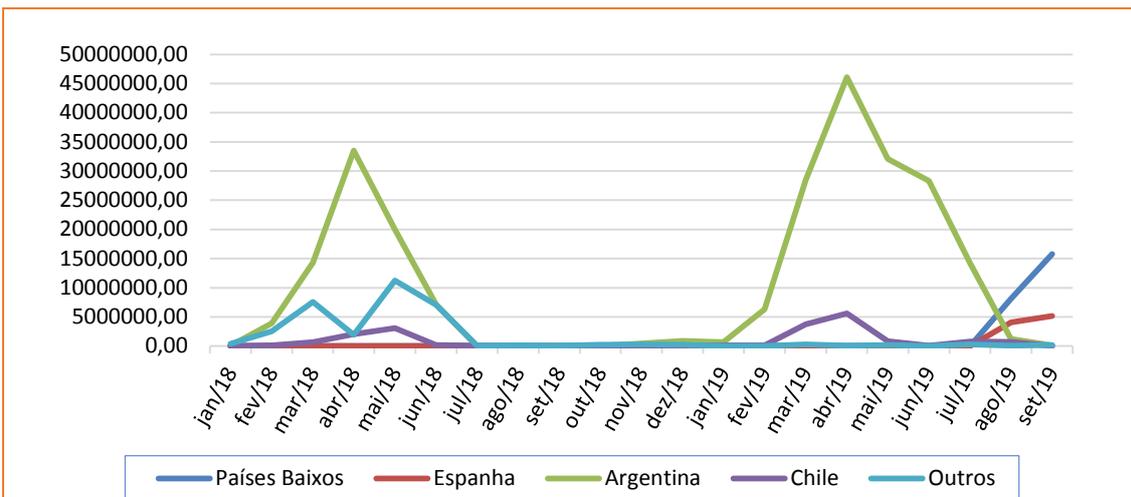


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2018 e acumulado até set./2019

Em relação à origem da cebola adquirida pelo Brasil, no mês de setembro (Figura 2) as importações oriundas da Holanda somaram 15,78 mil toneladas, crescimento acima de 94% no mês em relação a agosto, quando a importação foi de 8,11 mil toneladas. Dessa forma, a Holanda participou com 74,4% do total importado no mês, seguida pela Espanha com 5,16 mil toneladas, ou 24,32%, e os demais países com 1,28% do total.



Fonte: Comexstat/ME – outubro/2019.

Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundos principais países fornecedores – 2018 e acumulado até set./2019

Pecuária

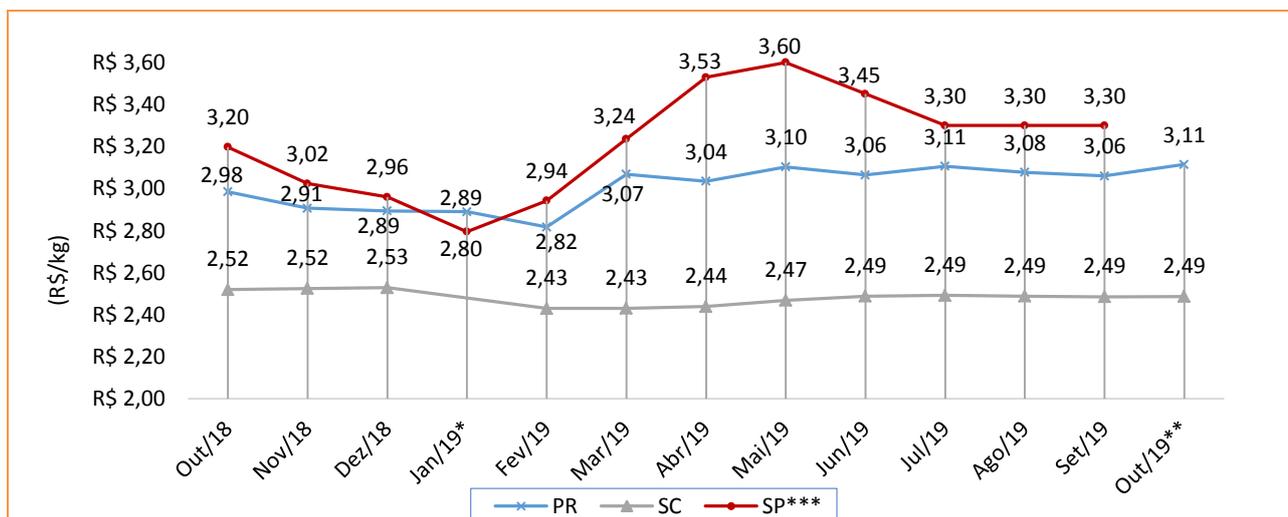
Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços do frango vivo ao produtor mantiveram-se relativamente estáveis nas duas primeiras semanas de outubro. Assim como já havia sido observado no mês passado, em Santa Catarina registrou-se uma oscilação praticamente imperceptível (0,04%) na média preliminar de outubro em relação a setembro. O Paraná, por sua vez, registrou alta de 1,78% nesse período. Até o momento o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo não divulgou preços para o frango vivo no presente mês.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em outubro de 2018, observa-se variação positiva no Paraná (4,36%) e queda em Santa Catarina (-1,30%). A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,89%, de acordo com o IPCA/IBGE.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro em SC.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/out./2019.

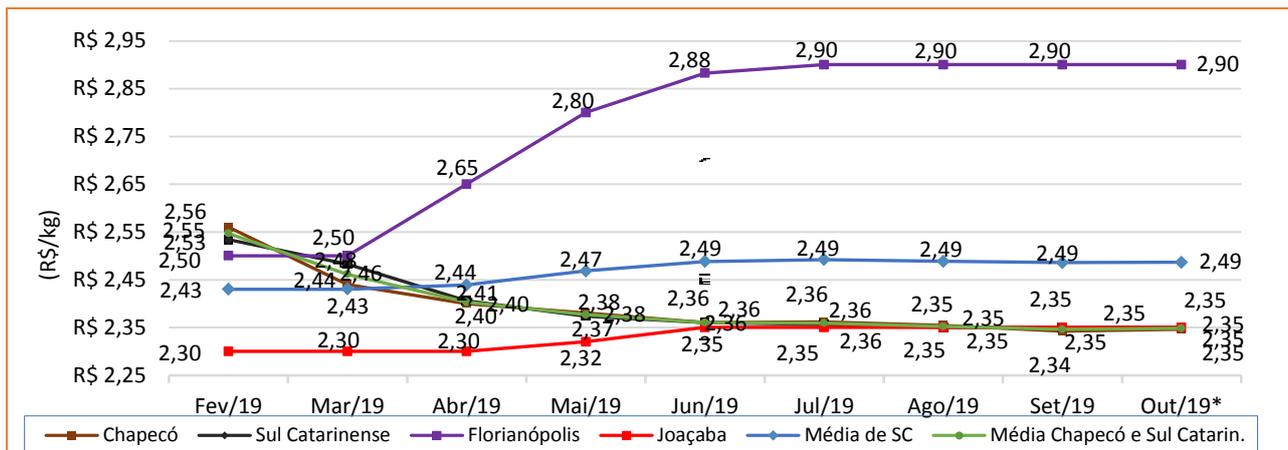
*** Valores referentes ao mês de outubro no estado de São Paulo não disponíveis.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal⁽¹⁾ mensal pago aos avicultores

Das quatro praças de coleta de preços em Santa Catarina, apenas Chapecó registra variação em relação ao mês anterior, com pequena alta de 0,16%. Em Joaçaba, Florianópolis e no Sul Catarinense não ocorreram alterações em relação às médias de setembro.

Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em outubro de 2018, verifica-se variação de -7,01% em Chapecó e -6,58% no Sul Catarinense.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

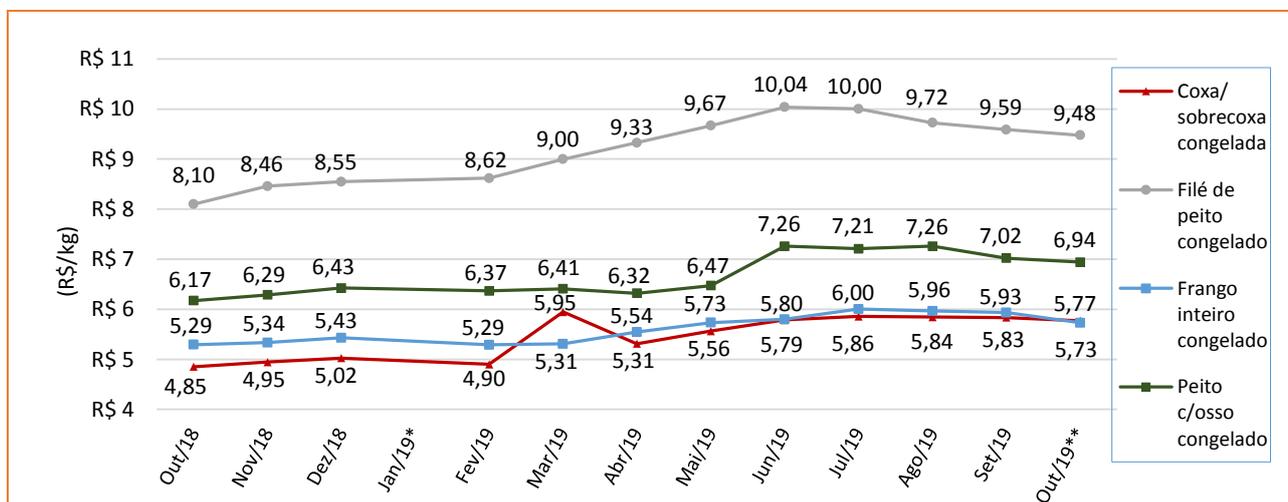
* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/out./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago aos avicultores nas principais praças e média estadual

Nas primeiras semanas de outubro, predominaram os movimentos de baixa no mercado atacadista. Em relação a setembro, todos os preços preliminares deste mês apresentam variação negativa: frango inteiro congelado (-3,45%), peito com osso congelado (-1,14%), filé de peito congelado (-1,14%) e coxa/sobrecoxa congelada (-1,11%). A variação média dos quatro cortes foi de -1,71%. Vale mencionar que em agosto e setembro também se observou tendência de baixa nos preços de atacado.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/out./2019.

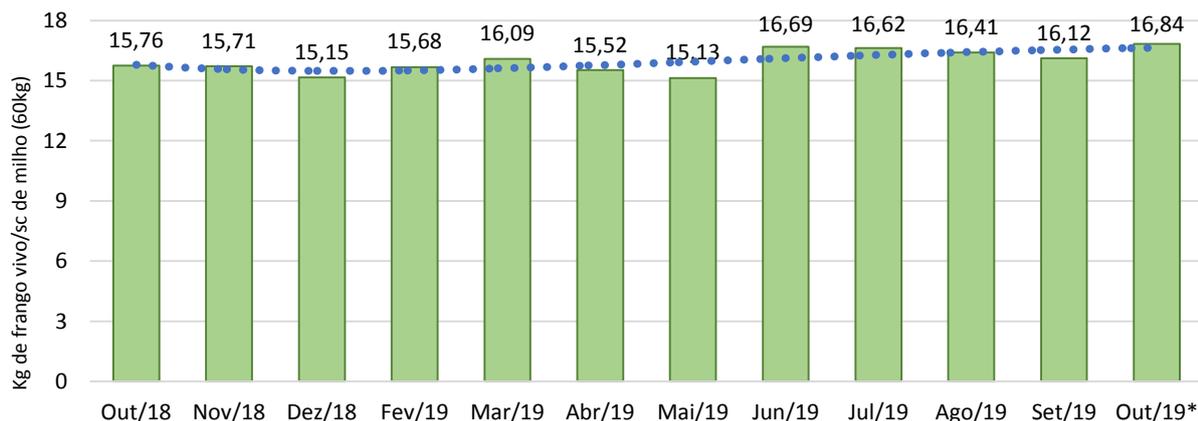
Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – Preço médio mensal estadual

Contudo, não obstante o cenário dos últimos meses, na comparação entre os atuais valores preliminares e as médias de outubro de 2018, verificam-se variações positivas em todos os cortes: coxa/sobrecoxa congelada (18,91%), filé de peito congelado (17,02%), peito com osso congelado (12,43%) e frango inteiro congelado (8,23%). A variação média foi de 14,15%.

Custos

Depois de três meses de quedas, o valor preliminar da relação de equivalência insumo-produto nas duas primeiras semanas de outubro indica a interrupção desse movimento. O índice apresenta alta de 4,47% em outubro, decorrente principalmente do aumento no preço do milho na praça de Chapecó (4,64%). O valor atual está 6,87% acima daquele registrado em outubro de 2018. A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60 kg de milho.



Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

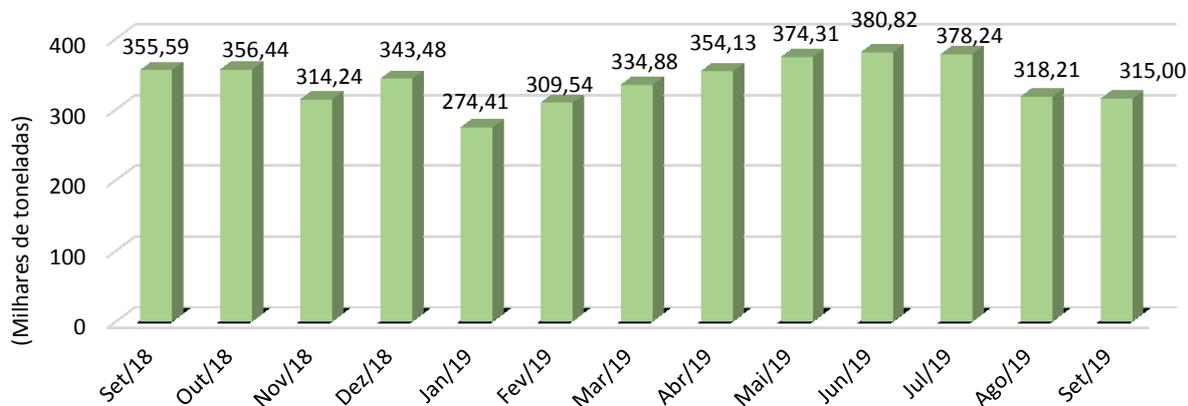
* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 1º a 14/out./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **315 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de **1,01%** em relação ao mês anterior e de **11,41%** na comparação com setembro de 2018.



Fonte: Comex Stat.

Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada

O faturamento com as exportações de carne de frango em setembro foi de **US\$ 530,15 milhões**, variação de **-2,66%** em relação ao mês anterior e de **-7,44%** na comparação com setembro de 2018.

Assim como já havia acontecido em agosto, o resultado negativo registrado em setembro também surpreendeu grande parte dos analistas do setor. Segundo posicionamento expresso em entrevista coletiva por um diretor da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), não obstante a ampliação de 21,28% no volume de embarques para a China este ano, o setor tinha expectativa de crescimento ainda mais significativo, o que acabou não se concretizando. Possíveis explicações para isso decorrem dos chineses terem lançado mão dos estoques estratégicos de carnes e o crescimento dos abates preventivos de suínos⁷, o que retardou a necessidade de importações mais vultosas. Com a redução dos estoques e a não reposição de parte dos plantéis abatidos, espera-se que o país amplie suas aquisições ao longo dos próximos meses.

Outra explicação é o crescimento da produção chinesa de frangos. Segundo recente relatório publicado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em 2019, a China deve produzir 13,8 milhões de toneladas de carne de frango, 17,95% acima do montante produzido em 2018. Esse salto na produção chinesa contribuiu para reduzir a necessidade de importações daquele país, afetando o mercado de carnes no restante do mundo. No mesmo período, a produção brasileira deve crescer apenas 2,10%, estima o USDA. Com isso, a China reassume a 2ª colocação no ranking mundial, posto que era ocupado pelo Brasil desde 2016.

Diante desse cenário, recentemente a ABPA revisou suas estimativas em relação às exportações de carne de frango este ano. Agora, a entidade espera um incremento de 1%, ante expectativas de 4% a 5% divulgadas em meados deste ano.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no último mês foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e México, que responderam por 55,06% das receitas do período.

Ao longo dos três primeiros trimestres do ano, o Brasil exportou **3,04 milhões de toneladas** de carne de frango, com **US\$ 5,13 bilhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2018, registra-se alta de **8,21%** nas receitas e **1,20%** na quantidade.

De acordo com relatório divulgado pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), observa-se elevação na média diária de embarques de carne de frango *in natura* ao longo das primeiras semanas de outubro (9 dias úteis), em relação a setembro: 12,80% em valor e 17,41% em quantidade. Na comparação com outubro de 2018, as variações também são positivas: 10,65% em valor e 8,80% em quantidade.

Em setembro, Santa Catarina exportou **84,68 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **1,25%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 27,63%** na comparação com setembro de 2018.

⁷ A expectativa de crescimento das exportações para a China deve-se principalmente à crise na suinocultura daquele país, decorrente do surto de peste suína africana que afeta a Ásia desde agosto de 2018. Embora a doença afete apenas suínos, a queda na produção dessa espécie favorece o consumo de outros tipos de carnes.



Em termos de receitas, o estado exportou **US\$ 148,84 milhões** em setembro, **queda de 2,12%** em relação ao mês anterior e de **23,43%** na comparação com setembro de 2018.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em setembro foi de US\$ 1.695,13/tonelada, **6,66%** acima da média registrada em setembro de 2018. Contudo, quando comparado a agosto deste ano, observa-se queda de 2,96%.

De janeiro a setembro, Santa Catarina exportou **993,52 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 1,73 bilhão**, aumento de **13,69%** em quantidade e de **18,36%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2018. O estado foi responsável por **33,77%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos três primeiros trimestres do ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 51,87% do valor e 47,84% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a Set./2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	275.531.667,00	143.625
China	183.757.631,00	98.510
Emirados Árabes Unidos	156.512.464,00	86.878
Arábia Saudita	147.032.445,00	88.205
Países Baixos (Holanda)	135.896.019,00	58.090
Demais países	833.791.963,00	518.211
Total	1.732.522.189,00	993.519

Fonte: Comex Stat.

Levando-se em consideração o acumulado do ano, dentre os dez principais importadores da carne de frango de Santa Catarina, apenas dois registraram quedas: Hong Kong (-16,70% em valor e -16,46% em quantidade) e Iraque (-13,90% em valor e -9,86% em quantidade). Já em relação às variações positivas, os valores mais expressivos foram registrados nos embarques para Emirados Árabes Unidos (45,01% em quantidade e 40,89% em valor), Reino Unido (49,56% e 51,28%) e Arábia Saudita (31,48% e 20,51%).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de outubro, houve predomínio dos movimentos de alta no mercado do boi gordo. Todos os oito estados analisados registraram variações positivas nos preços preliminares deste mês em relação a setembro: Minas Gerais (2,78%), Mato Grosso do Sul (2,61%), Rio Grande do Sul (2,00%), Mato Grosso (1,81%), São Paulo (1,75%), Goiás (1,16%), Paraná (0,62%) e Santa Catarina (0,21%).

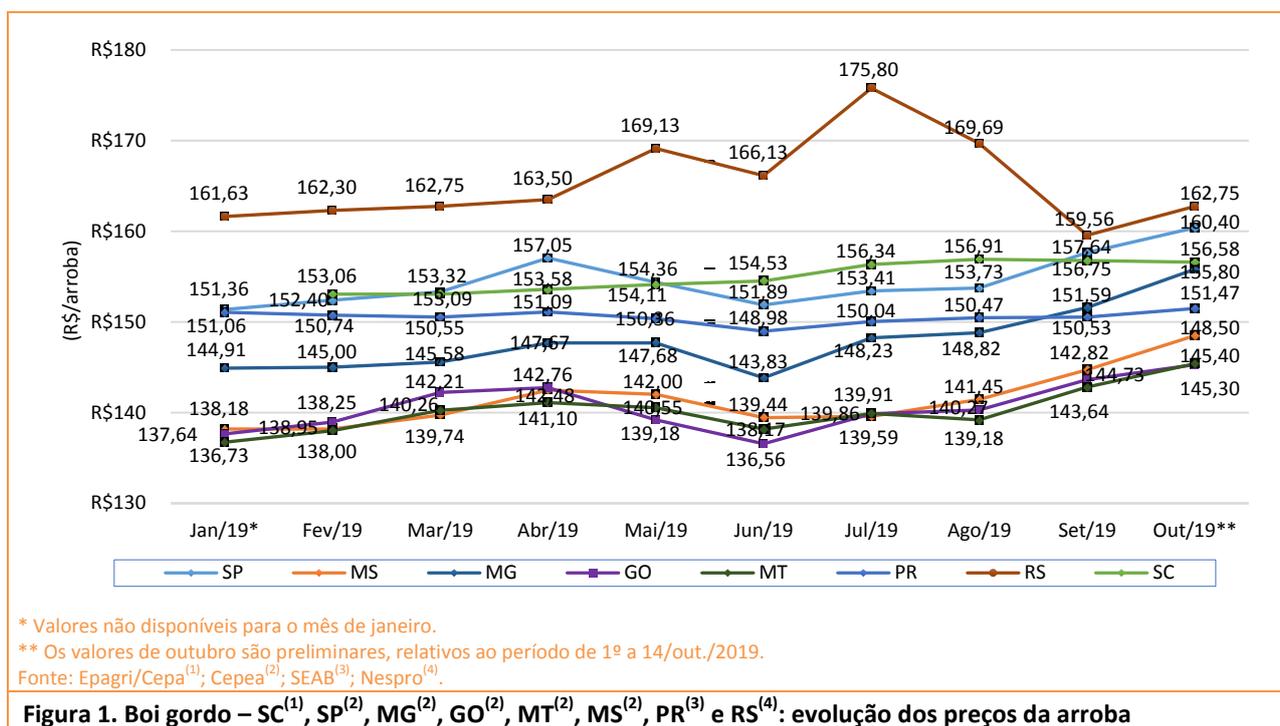


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba

Na comparação com outubro de 2018, os preços preliminares do corrente mês apresentam variações positivas em todos os estados, embora em índices bastante distintos: 13,85% no Rio Grande do Sul, 8,50% em Minas Gerais, 8,25% no Mato Grosso, 7,29% em São Paulo, 4,68% em Santa Catarina, 4,33% em Goiás, 3,58% no Mato Grosso do Sul e 1,05% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,89%, segundo o IPCA/IBGE.

No curto e médio prazo são esperados novos reajustes no preço do boi gordo, uma vez que há restrição na oferta de animais prontos para abate em grande parte do país, além de um crescimento significativo na demanda externa de carne bovina, em especial, por parte da China, como veremos adiante. Esse cenário tem possibilitado a predominância dos movimentos de alta, mesmo com o mercado doméstico se mantendo pouco dinâmico.

Os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) mantêm-se inalterados, no mesmo patamar registrado em março deste ano. A média estadual apresenta pequena oscilação de 0,21% no preço preliminar de outubro em relação a setembro.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em outubro de 2018, a variação é de 2,07% em Chapecó e 3,77% em Lages, enquanto a média estadual⁸ variou 4,68% no período.

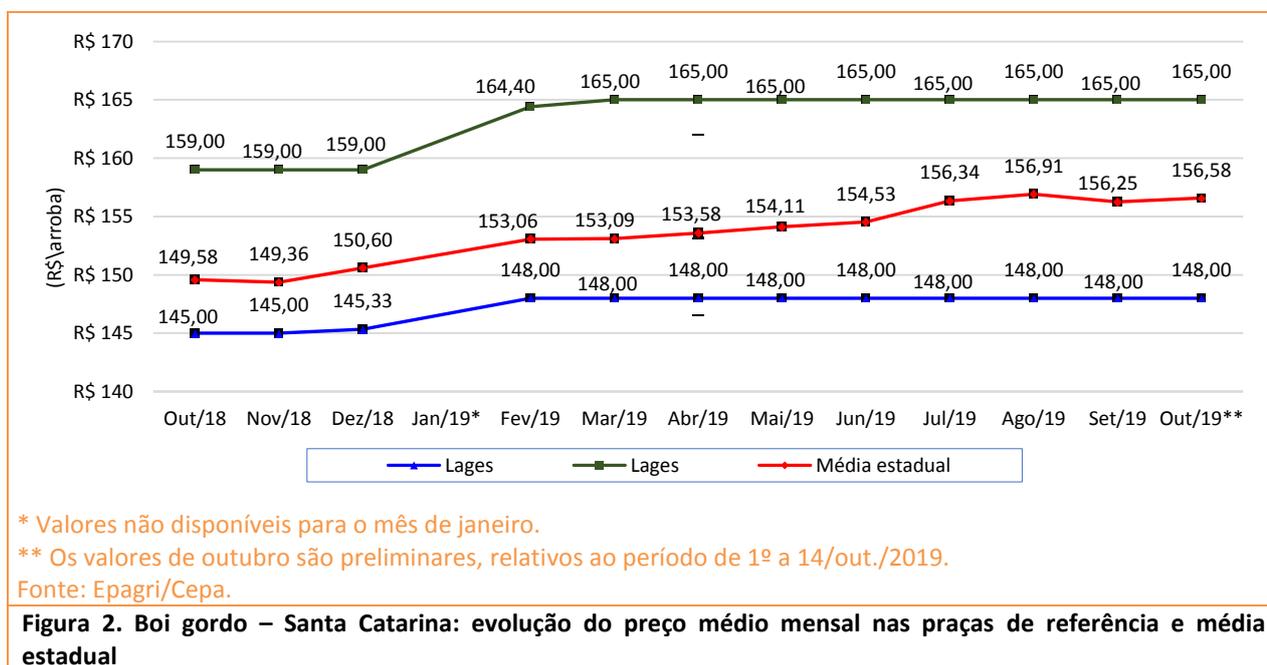


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual

Nas duas primeiras semanas de outubro, os preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina mantiveram-se relativamente estáveis, embora os dois cortes analisados tenham apresentado pequenos movimentos em direções distintas entre si. A carne de traseiro subiu 0,53% na comparação entre a média preliminar do mês corrente e o preço de setembro, enquanto a carne de dianteiro teve queda de 0,27% no mesmo período. Em relação a outubro de 2018, verificam-se altas nos dois casos: 6,31% na carne de dianteiro e 0,56% na carne de traseiro.

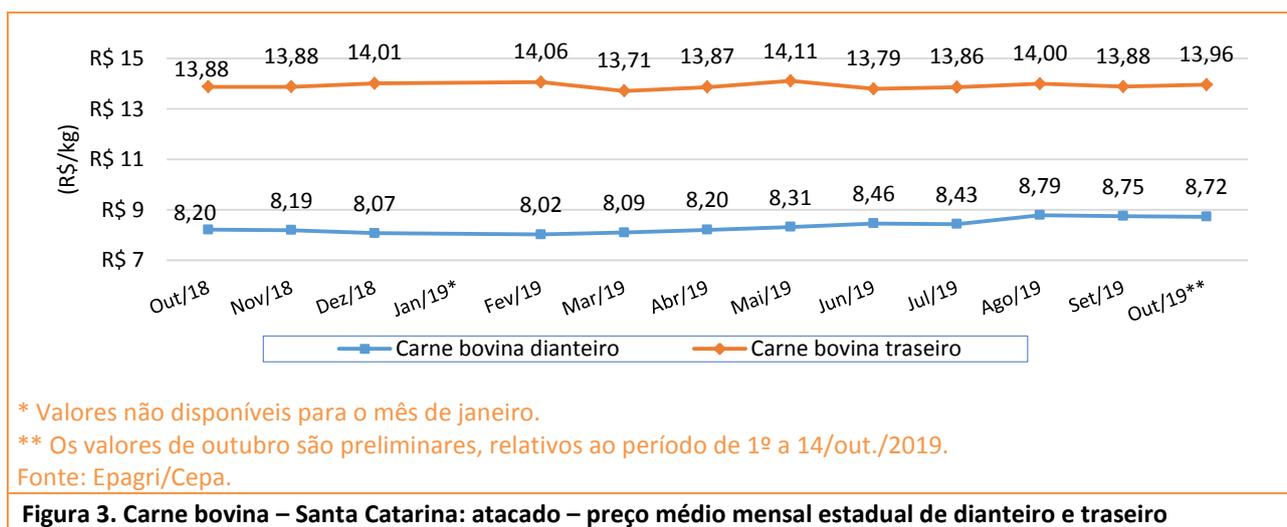


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro

⁸ A partir de 2019, ampliou-se o número de praças de coleta de preços do boi gordo de 8 para 10, o que afeta a comparação entre os valores atuais e os anos anteriores. Ao calcularmos a variação do preço médio estadual sem as duas novas praças (Caçador e Florianópolis), a variação entre setembro de 2018 o mesmo mês de 2019 é de 4,00%.

Custos

De acordo com os dados das duas primeiras semanas de outubro, as duas categorias de animais de reposição seguem apresentando movimentos de alta. O preço médio preliminar dos bezerros para corte de até 1 ano aumentou 3,71% na comparação com setembro, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos aumentaram 2,70% no período. Na comparação com outubro de 2018, as altas são mais significativas: 8,61% para os bezerros e 15,25% no caso dos novilhos.

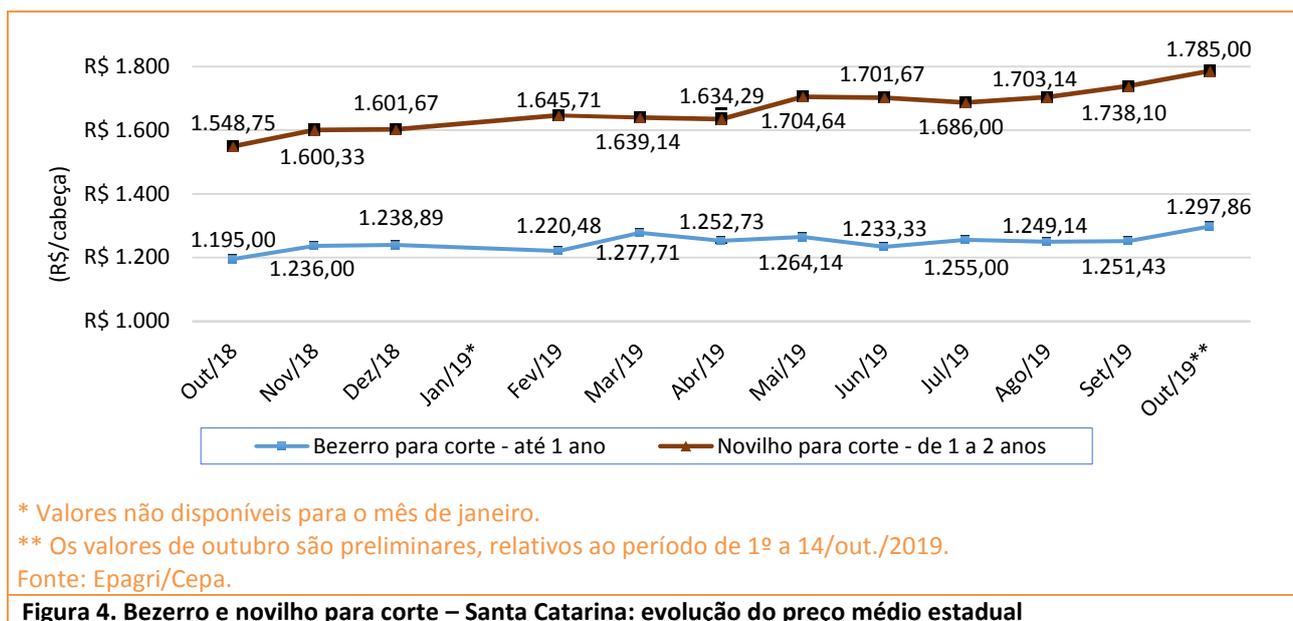


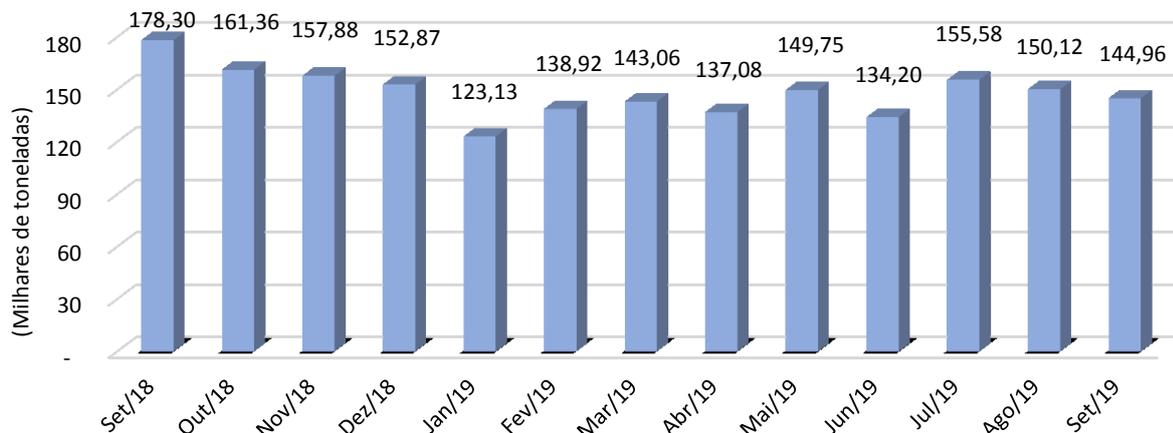
Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual

As altas registradas nos últimos meses poderiam ter sido ainda mais significativas, não fosse a estiagem que atinge grande parte de Santa Catarina desde junho e que prejudica a qualidade das pastagens, retardando a reposição dos animais destinados ao abate.

Essa predominância dos movimentos de alta não ocorre apenas em Santa Catarina. Na maioria dos estados, os preços dos animais de reposição vêm registrando sucessivos aumentos há vários meses, principalmente em função da baixa oferta, decorrente da elevada taxa de abate de fêmeas (novilhas e vacas) nos últimos trimestres. De acordo com dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP), a cotação média do bezerro para corte no estado de São Paulo em setembro foi de aproximadamente R\$ 1.400,00 (valor deflacionado pelo IGP-DI), alta real de 3,9% em relação a janeiro.

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **144,96 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), variação de **-3,44%** em relação ao mês anterior e de **-18,69%** na comparação com setembro de 2018.



Fonte: Comex Stat.

Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada

As receitas também apresentaram queda: foram **US\$ 607,16 milhões** em setembro, variação de **-1,87%** na comparação com agosto e **-13,07%** em relação a setembro de 2018.

Um dos principais fatores que explicam essas quedas significativas em relação ao ano anterior é que em setembro de 2018 registrou-se o maior volume de carne bovina já exportado pelo Brasil num único mês, bem como o segundo maior valor em dólares. Assim, comparações com aquele período correm o risco de gerar percepções excessivamente críticas do atual momento. Para que se tenha uma ideia, o volume exportado em setembro está acima da média mensal deste ano (141,9 mil t) e acima da média mensal de 2018 (136,8 mil t).

Em setembro, os cinco principais destinos da carne bovina brasileira foram China, Hong Kong, Egito, Chile e Estados Unidos, que responderam por 68,30% das receitas e 65,11% do volume embarcado no mês.

Nos três trimestres iniciais do ano, o país exportou **1,28 milhão** de toneladas de carne bovina, **9,25%** mais que no mesmo período do ano anterior. As receitas atingiram o montante de **US\$ 4,95 bilhões**, alta de **4,60%** em relação a 2018.

Apesar das variações negativas registradas em agosto e setembro, a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), recentemente reafirmou a expectativa de crescimento de 6% nas exportações de carne bovina do país neste ano.

A China, principal destino da carne bovina brasileira, ampliou em 11,19% o volume importado este ano. Tal resultado é decorrente, principalmente, do surto de peste suína africana (PSA) enfrentado por aquele país, resultando na redução da oferta de carne suína e, dessa forma, estimulando o consumo de outras proteínas de origem animal. Juntos, China e Hong Kong respondem por 41,86% das receitas brasileiras com exportação de carne bovina em 2019.

Segundo informações divulgadas pelo órgão alfandegário chinês, no acumulado dos oito primeiros meses deste ano, a China importou 980 mil toneladas de carne bovina, 54% mais do que no mesmo período do ano anterior.

Nas duas primeiras semanas de outubro (9 dias úteis), a quantidade média diária de carne bovina *in natura* exportada aumentou significativamente em relação ao mês anterior: 43,91% em valor e 39,30% em quantidade. Na comparação com a média diária de outubro de 2018, as variações também são expressivas: alta de 49,65% em valor e de 32,82% em quantidade.

Em setembro, Santa Catarina exportou **233 toneladas** de carne bovina, alta de 3,20% em relação ao mês anterior, mas -62,10% em relação a setembro 2018. O faturamento foi **de US\$ 774 mil**, 21,18% acima do valor registrado em agosto, mas -59,21% em relação a setembro do ano passado.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou **2,87 mil toneladas** de carne bovina, com faturamento de **US\$ 8,25 milhões**, queda de 20,21% em quantidade e 28,04% em valor, na comparação com o mesmo período de 2018. Hong Kong foi o destino de 52,35% da carne bovina exportada pelo estado este ano.

Suinocultura

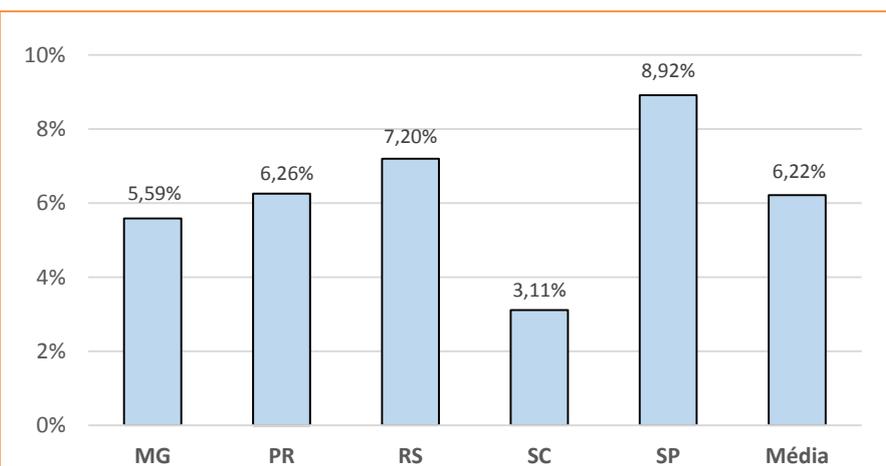
Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em outubro, os preços preliminares dos suínos vivos mais uma vez apresentaram altas significativas nos principais estados produtores, com índices que variam de 3,11% em Santa Catarina a 8,92% em São Paulo, na comparação com o mês anterior.

A análise dos preços diários indica que, provavelmente, devam ser registradas altas ainda mais significativas em praticamente todos os estados ao longo da segunda quinzena do mês.

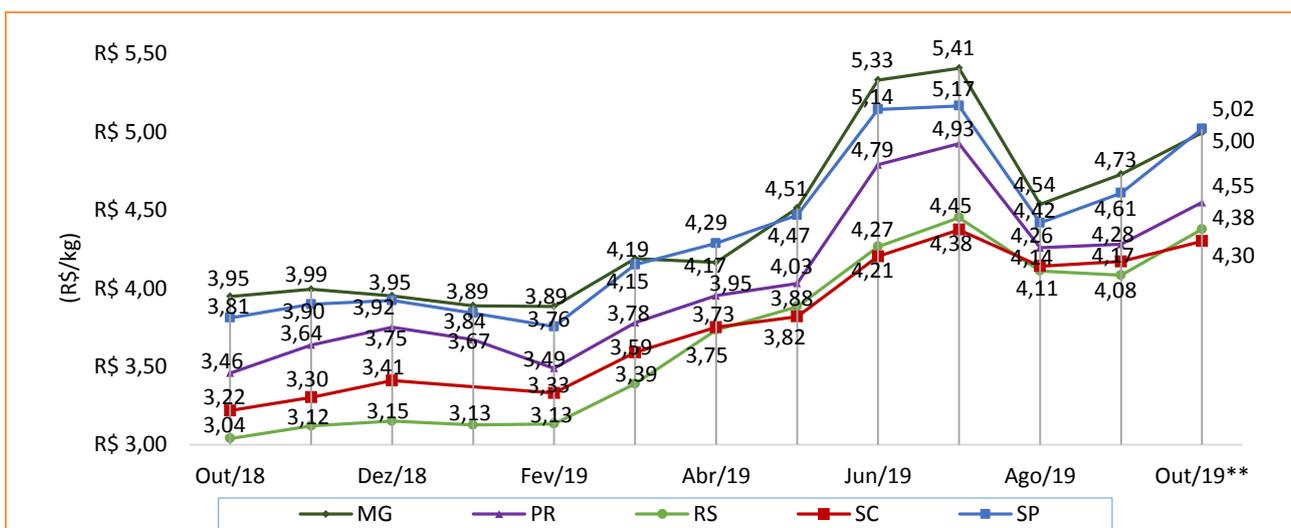
Na comparação entre os valores atuais com os preços de outubro de 2018, as variações são positivas nos cinco estados analisados: 44,03% no Rio Grande do Sul, 33,64% em Santa Catarina, 31,74% em São Paulo, 26,51% em Minas Gerais. Em todos os casos, os valores



* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/out./2019.
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (set./out. de 2019*)

atuais superam em muito a inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 2,89%, segundo o IPCA/IBGE.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.
** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/out./2019.
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Figura 2. Suíno vivo: SC, MG, PR, RS e SP – evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg)

Depois de ficarem estagnados em setembro, nas duas primeiras semanas de outubro os preços voltaram a registrar altas em Chapecó, praça de referência para os suínos vivos em Santa Catarina. O preço ao produtor independente subiu 1,45%, enquanto o preço pago ao integrado apresentou alta de 1,17%. Na comparação com outubro de 2018, as diferenças são bastante expressivas em ambos os casos: aumento de 40,33% para os produtores independentes e 35,56% para os integrados.

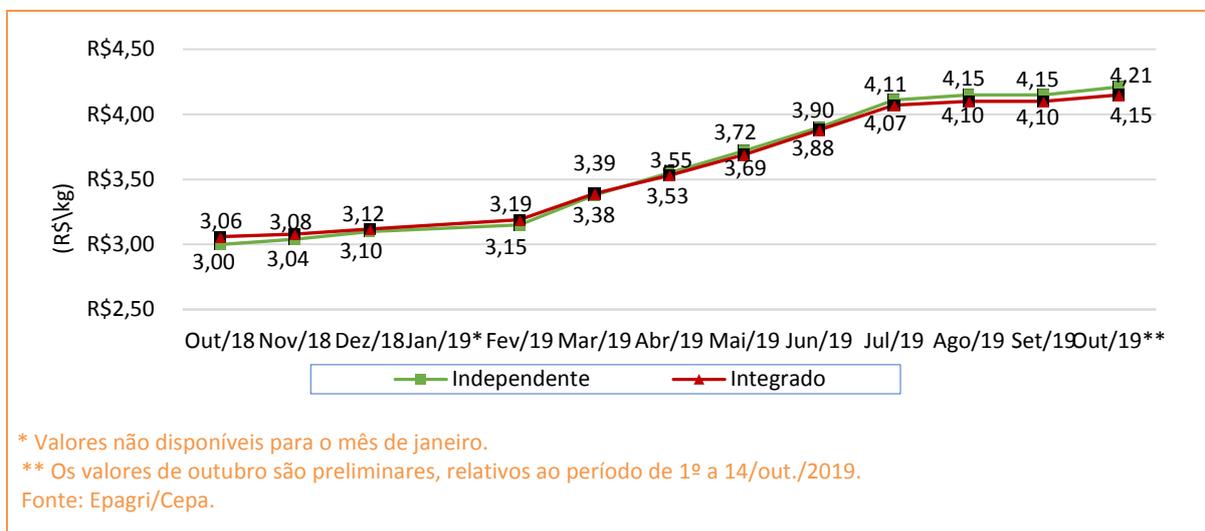


Figura 3. Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado na praça de Chapecó

No atacado, as duas primeiras semanas de outubro são marcadas por oscilações bastante significativas e com predominância dos movimentos de alta. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quatro apresentaram variações positivas nos preços preliminares do corrente mês, na comparação com setembro: carré (18,17%), costela (6,25%), carcaça (6,08%) e pernil (0,13%). Somente o lombo registrou queda (-7,35%). A variação média dos cinco cortes é de 4,66%.

Na comparação com os preços de outubro de 2018, verifica-se resultados positivos em todos os casos: carré (32,62%), carcaça (22,96%), costela (22,02%), pernil (15,62%) e lombo (12,96%). Na média, a variação foi de 21,24% nesse período.

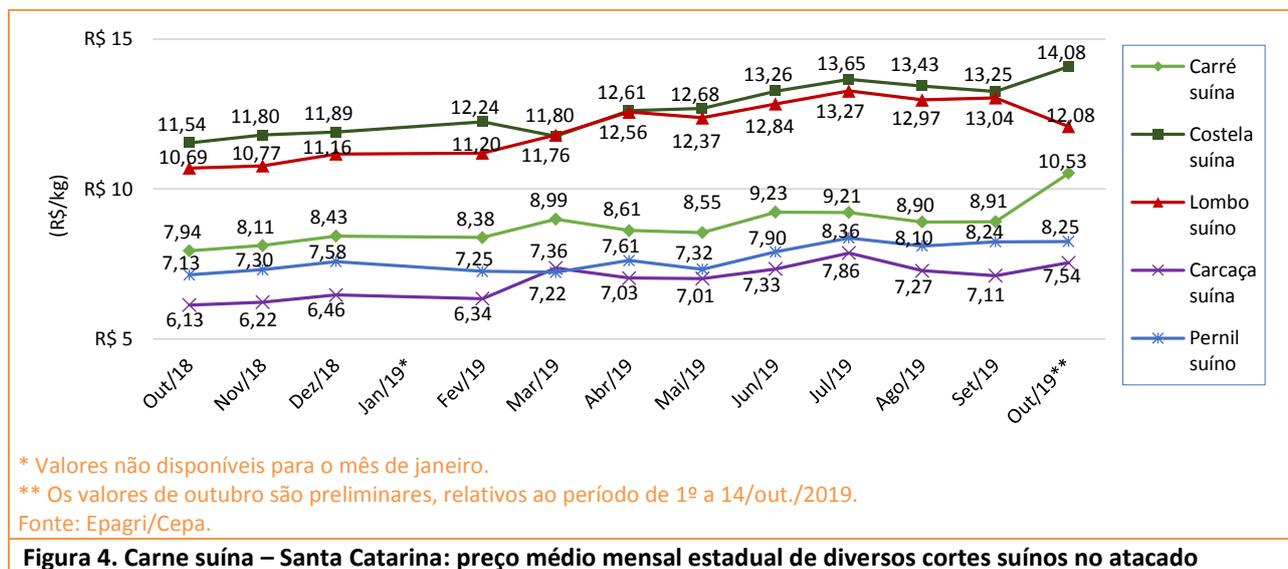


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado

Segundo relatório publicado no final de setembro pelo Centro de Estudos em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP), os preços do suíno vivo e da carcaça suína registraram forte alta na maioria dos estados produtores, impulsionados pela perspectiva de aumento da demanda por parte da China. Por outro lado, em nota divulgada em meados de outubro, o Cepea indicou a continuidade do movimento de alta nas cotações do suíno vivo, mas apontou dificuldades dos frigoríficos de repassarem esses aumentos para o preço de atacado da carne suína, principalmente em função da demanda limitada no mercado doméstico. A oferta restrita de animais tem mantido o mercado atacadista relativamente estável na maioria dos estados, não obstante o predomínio de altas em Santa Catarina no corrente mês.

A recente confirmação de um foco de peste suína clássica (PSC) no município de Traipu, em Alagoas, traz algumas preocupações para o setor. Focos de PSC já haviam sido identificados no Ceará, em outubro do ano passado, e no Piauí, em abril deste ano. Contudo, é importante destacar que Alagoas não faz parte da zona livre de PSC, reconhecida pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE). Com isso, não há alteração no *status* do país junto àquela organização e essa situação tampouco deve acarretar em impactos nas exportações brasileiras de carne suína e derivados.

Custos

Em outubro, os preços dos leitões mantiveram o movimento de alta registrado desde junho de 2018, embora num ritmo menor do que aquele observado até meados deste ano. O preço preliminar dos leitões de 6 a 10kg registrou alta de 0,95% em relação a setembro. Já os leitões na faixa dos 22kg tiveram variação de 0,76% no mesmo período. Na comparação com as médias de outubro de 2018, verificam-se variações bem mais significativas: alta de 34,59% para os leitões de 6 a 10kg e de 35,86% para os leitões na faixa dos 22kg.

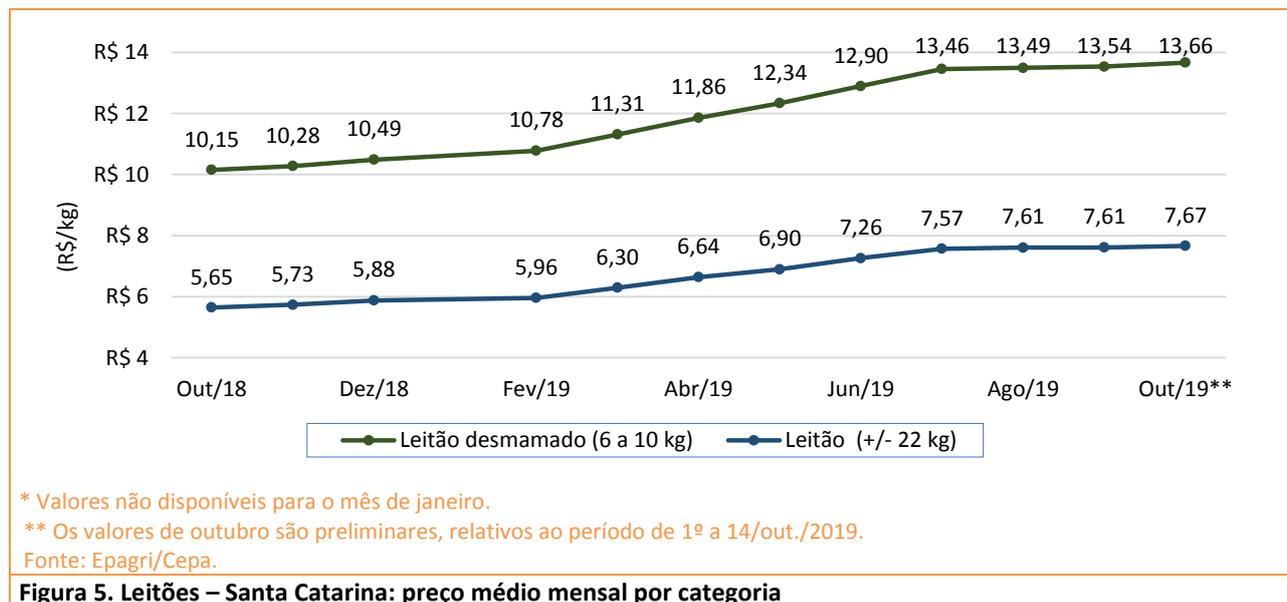
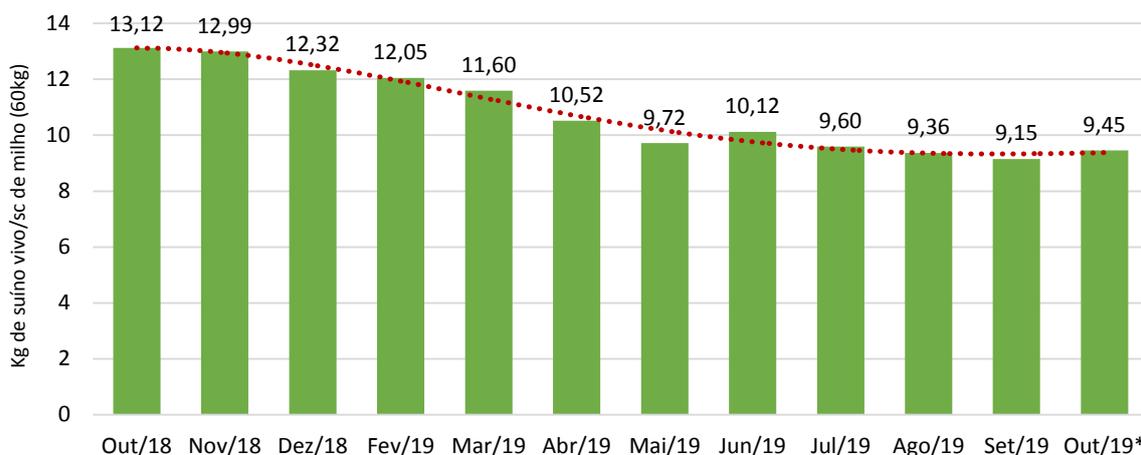


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria

Nos últimos quatro meses, a relação de equivalência insumo-produto tem se mantido relativamente estável, embora com algumas oscilações. Depois de apresentar queda em setembro (-2,28%), em outubro o índice voltou a subir: 3,28% na comparação com o mês anterior. Esse resultado deve-se principalmente à alta no preço do milho na região de Chapecó (4,64%), sendo o valor final minimizado pela elevação no preço médio dos suínos (1,31%) no mesmo período. Apesar da alta, o valor atual da relação de equivalência é 27,95% inferior àquela registrado em outubro de 2018.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

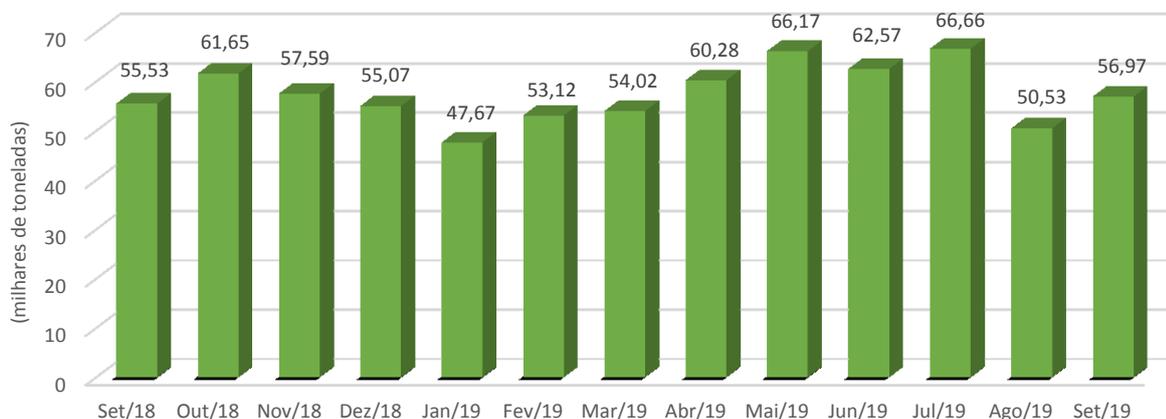
* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 1º a 14/out./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 6. Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir uma saca de milho (60kg)

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **56,97 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **12,75%** em relação a agosto e de **2,60%** na comparação com setembro de 2018.



Fonte: Comex Stat.

Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada

As receitas desse período foram de **US\$ 123,28 milhões**, crescimento de **14,99%** em relação a agosto e de **31,56%** na comparação com setembro de 2018.

De janeiro a setembro, o Brasil exportou **517,98 mil toneladas** de carne suína, **12,33%** a mais que no mesmo período de 2018, com receitas de **US\$ 1,08 bilhão**, aumento de **23,01%** em relação ao ano anterior.

O bom desempenho das exportações brasileiras de carne suína ao longo deste ano deve-se principalmente às vendas para a Ásia, especialmente para China. Apesar disso, parte do setor produtivo esperava

crescimentos ainda maiores nos embarques de carne suína, conforme expressou recentemente em entrevista coletiva um diretor da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). Segundo o dirigente da entidade, possíveis explicações para isso seriam o fato dos chineses terem lançado mão dos estoques estratégicos de carnes e o crescimento dos abates preventivos de suínos, o que retardou a necessidade de importações mais vultosas. Com a redução dos estoques e a não reposição de parte dos plantéis abatidos, espera-se que o país amplie suas aquisições ao longo dos próximos meses.

Não obstante essa perspectiva em relação à China, recentemente a ABPA revisou suas estimativas de exportações de carne suína. A entidade espera um aumento de 3% a 5% este ano, ante expectativas de 12% divulgadas há alguns meses.

De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas primeiras semanas de outubro (9 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou altas significativas quando comparada a setembro: 38,20% em valor e 34,55% em quantidade. Em relação a outubro de 2018, também são registradas altas expressivas nas médias diárias: 69,93% em valor e 29,18% em quantidade.

Santa Catarina exportou **33,01 mil** toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em setembro, alta de **12,67%** em relação ao mês anterior e de **0,45%** na comparação com setembro de 2018.

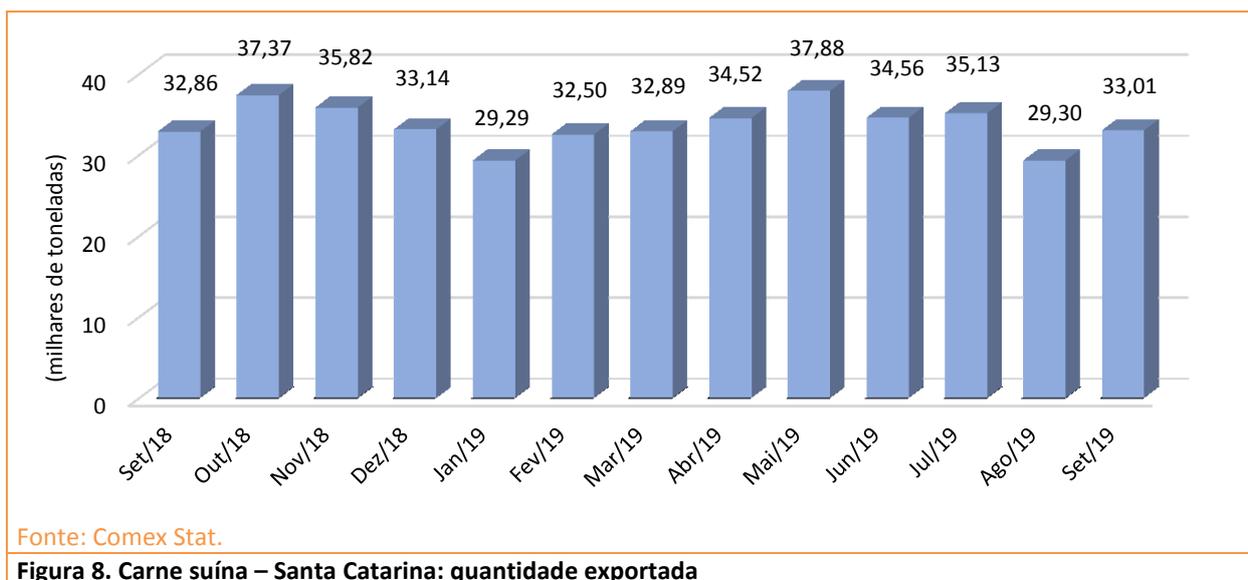


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada

O faturamento de setembro foi de **US\$ 72,35 milhões**, alta de **15,74%** em relação a agosto e de **32,81%** na comparação com setembro de 2018.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em setembro foi de US\$ 2.272,03/tonelada, alta de 3,47% em relação a agosto e de 29,63% quando comparado à média de setembro de 2018.

Nos três primeiros trimestres do ano, o estado exportou **299,09 mil** toneladas de carne suína, aumento de **17,90%** em relação ao mesmo período de 2018, com faturamento de **US\$ 602,75 milhões**, alta de **28,64%** na comparação com o ano anterior.

Santa Catarina foi responsável por **56,02%** das receitas e **57,74%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano, reforçando a posição de principal exportador de carne suína do país.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína este ano, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 76,56% das receitas e 73,84% da quantidade embarcada.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan a Set/2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	263.318.482,00	122.645
Hong Kong	78.840.701,00	45.807
Chile	72.673.566,00	33.627
Argentina	25.891.881,00	10.895
Rússia	20.720.475,00	7.860
Demais países	141.300.428,00	78.252
Total	602.745.533,00	299.086

Fonte: Comex Stat.

A maioria dos principais importadores da carne catarinense registrou variação positiva no acumulado deste ano, quando comparados ao mesmo período de 2018, com destaque para China (60,71% em valor e 44,13% em quantidade), Chile (53,76% e 47,32%) e Uruguai (54,35% e 57,85%). Embora com volumes menores, também chama atenção o crescimento das exportações para Japão (221,71% em valor e 206,77% em quantidade), Vietnã (212,33% e 235,55%) e Coreia do Sul (573,82% e 584,49%). Merece menção ainda a Rússia, cujas importações de carne suína brasileira ficaram suspensas durante praticamente todo o ano de 2018 e atualmente ocupa a 5ª posição do ranking catarinense e 3ª no nacional.

Por outro lado, são registradas quedas nas exportações catarinenses para Hong Kong (-7,09% em valor e -4,96% em quantidade), Argentina (-20,80% e -21,28%) e Cingapura (-22,84% e -30,54%).

Uma notícia positiva para a suinocultura catarinense é o recente anúncio das autoridades chinesas de que habilitarão novos produtos e subprodutos de carcaças suínas produzidos em estabelecimentos catarinenses. Com isso, ampliam-se as possibilidades e perspectivas de exportações para aquele país. Serão autorizadas exportações de pé de porco, língua, focinho, máscara, orelha e rabo suíno. As habilitações para estes novos produtos poderão ser obtidas após verificação do atendimento dos requisitos chineses em auditoria do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Segundo o gerente executivo do Sindicato das Indústrias da Carne e Derivados no Estado de Santa Catarina (Sindicarne), Jorge de Lima, esse novo mercado tem um potencial de aproximadamente 7 mil toneladas mensais, com receitas de 14 milhões de dólares.

Outra notícia relevante e que amplia a capacidade de produção e exportação de Santa Catarina, é a inauguração das obras de ampliação do frigorífico de suínos da Aurora em Chapecó, em meados de outubro. Com a ampliação, a unidade terá capacidade de abater 10 mil animais por dia, tornando-se a maior do país.

Peste suína africana (PSA)

Segundo o mais recente relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), desde agosto de 2018 já foram detectados mais de 400 focos de PSA em dez países asiáticos (Camboja, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Filipinas, Laos, Mongólia, Myanmar, Timor Leste e Vietnã), resultando na eliminação de mais de 6,7 milhões de suínos por causa do surto da doença que atinge o continente. Os dados da FAO divergem das estimativas de analistas de mercado, pois contabilizam somente os números divulgados pelos órgãos oficiais de cada país.

Em relação ao relatório divulgado no mês passado, houve registro de dezenas de novos focos e aumentou em mais de 700 mil o número de animais mortos. Além disso, Timor Leste foi incorporado à lista de países atingidos.

Segundo informações divulgadas pela Agência Reuters, em 14 de outubro o governo chinês emitiu comunicado relatando que o rebanho suíno do país foi reduzido em 41%, em relação ao mesmo período do ano passado. Os preços da carne suína no varejo, por sua vez, subiram 84% em setembro passado, na comparação com o mesmo mês de 2018.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois da inesperada recuperação de julho para agosto, o preço de referência para o leite padrão⁹ de setembro/19 foi projetado pelo Conseleite/SC em R\$ 1,1792/l, significando queda de 1,1% em relação ao valor de agosto/19 e de 6,3% em relação ao valor de setembro/18. Com isto, setembro foi o quarto mês consecutivo em que o valor de 2019 ficou menor que o do mesmo mês de 2018, o inverso do ocorrido nos primeiros cinco meses do ano (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina – 2016-19

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%) 2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	20,3
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	1,2309	21,5
Março	1,0652	1,1412	1,0857	1,1957	10,1
Abril	1,1166	1,1693	1,1295	1,2185	7,9
Mai	1,1430	1,1733	1,1522	1,2535	8,8
Junho	1,3363	1,1394	1,3454	1,2036	-10,5
Julho	1,5500	1,0617	1,4050	1,1560	-17,7
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997	1,1918	-8,3
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582	1,1792	-6,3
Média até setembro	1,1790	1,0921	1,1842	1,1995	1,3
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351		
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358		
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228		
Média anual	1,1408	1,0634	1,1793		

Setembro/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

É certo que o preço de referência de outubro também será inferior ao do mesmo mês de 2018, porém, o quanto menor se saberá apenas na próxima reunião do Conseleite/SC, no próximo dia 24/10.

A queda no valor projetado para setembro não se limitou ao Conseleite/SC. No Conseleite/PR, o preço de referência projetado para o “leite padrão”¹⁰ (R\$ 1,0862/l) também ficou levemente abaixo do valor de agosto (R\$ 1,1090/l). No Conseleite/RS, o valor projetado (R\$ 1,0884/l) também decresceu um pouco em relação ao valor final de agosto (R\$ 1,1058/l).

A Epagri/Cepa ainda não tem os levantamentos regionais de preços aos produtores relativos ao mês de outubro, mas, como o mercado de lácteos não tem dado indicações de melhora, o cenário mais provável é de que as indústrias paguem valores próximos aos de setembro, quando o preço médio estadual havia

⁹ “Leite padrão”: 3,50 a 3,59% de gordura, 3,11 a 3,15% de proteína, 450 a 499 mil células somáticas/ml e 251 a 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

¹⁰ “Leite Padrão”: leite que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 500 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

apresentado uma leve recuperação em relação ao de agosto. Não havendo reversão na tendência histórica de crescimento da produção leiteira nacional, cujo pico normalmente se dá no mês de dezembro, a tendência mais provável é de que os preços a serem pagos aos produtores em novembro e dezembro sejam ainda menores que os valores atuais (Tabela 2).

Tabela 2. Leite: Santa Catarina - preço médio⁽¹⁾ aos produtores - 2016-19					
Mês	R\$/l posto na propriedade				Varição (%) 2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	17,0
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	24,5
Março	1,02	1,25	0,96	1,26	31,3
Abril	1,07	1,28	1,01	1,28	26,7
Mai	1,11	1,29	1,09	1,33	22,0
Junho	1,19	1,29	1,14	1,33	16,7
Julho	1,29	1,25	1,30	1,23	-5,4
Agosto	1,52	1,13	1,35	1,19	-11,9
Setembro	1,41	0,99	1,31	1,20	-8,4
Média até setembro	1,16	1,20	1,12	1,23	10,5
Outubro	1,24	0,91	1,28		
Novembro	1,10	0,92	1,24		
Dezembro	1,08	0,95	1,11		
Média anual	1,16	1,13	1,14		

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção catarinense

A produção leiteira catarinense tem crescido ano a ano. Conforme mostrado no Boletim Agropecuário de setembro¹¹, no primeiro semestre de 2019 a quantidade de leite adquirida pelas indústrias catarinenses alcançou 1,278 bilhão de litros, superando em 6,7% a quantidade do mesmo período de 2018 (1,198 bilhão de litros).

Pelas informações de algumas das principais indústrias lácteas do estado, mesmo com a estiagem dos últimos meses prejudicando a produção das forragens de inverno e mais recentemente as de verão, a captação de leite junto aos produtores permaneceu crescente. Com isto, a expectativa é de que o crescimento da produção estadual de 2019 feche próximo ao percentual de crescimento da quantidade de leite adquirida pelas indústrias catarinenses no primeiro semestre.

Isso não significa que a estiagem não tenha efeitos negativos sobre a atividade leiteira catarinense, já que o crescimento da produção seria ainda maior e os produtores estariam utilizando menos forragens conservadas (silagem, “pré-secados” e feno) e alimentos concentrados, o que aumenta os custos de produção.

No mês de novembro, o IBGE deve divulgar os dados preliminares de âmbito nacional da sua Pesquisa Trimestral do Leite, relativos ao terceiro trimestre de 2019. Em dezembro, atualizará estes valores, com a divulgação de dados também por unidade da federação. Nesta oportunidade ficará mais claro o real desempenho da produção de Santa Catarina.

¹¹ Consulta: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/Boletim_agropecuário/boletim_agropecuário_n76.pdf

Balança comercial

Na comparação de 2019 com 2018, desde março as exportações cresciam mais ou decresciam menos do que as importações. Isto se reverteu no mês de setembro: as exportações decresceram 29,2% e as importações aumentaram 7,6%. Ainda assim, no acumulado até setembro, as exportações aumentaram 12,9% e as importações 5,2% (Tabela 3).

Tabela 3. Balança comercial brasileira de lácteos – 2017-2019

Mês	Toneladas								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2017	2018	2019	2017	2018	2019	2017	2018	2019
Janeiro	18.960	8.366	13.649	3.897	2.068	1.691	-15.063	-6.298	-11.958
Fevereiro	16.312	10.332	16.046	3.594	2.263	2.329	-12.718	-8.069	-13.717
Março	15.467	9.029	10.689	4.620	2.228	2.897	-10.847	-6.801	-7.792
Abril	13.536	11.965	10.864	1.609	1.343	1.661	-11.927	-10.622	-9.203
Maió	17.700	13.418	13.729	2.260	712	1.953	-15.440	-12.706	-11.776
Junho	17.338	11.077	10.954	3.596	1.042	1.489	-13.742	-10.035	-9.465
Julho	16.027	13.848	9.949	2.326	1.127	1.742	-13.701	-12.721	-8.207
Agosto	13.472	13.266	9.858	2.866	2.018	1.802	-10.606	-11.248	-8.056
Setembro	10.400	11.863	12.759	2.493	2.653	1.878	-7.907	-9.210	-10.881
Até setembro	139.212	103.164	108.497	27.261	15.454	17.442	-111.951	-87.710	-91.055
Outubro	8.968	18.471	0	2.252	1.919	0	-6.716	-16.552	
Novembro	9.093	17.919	0	4.336	2.207	0	-4.757	-15.712	
Dezembro	9.057	10.285	0	2.191	2.664	0	-6.866	-7.621	
Total	166.330	149.839		36.040	22.244		-130.290	-127.595	

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat.